



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ
IFCE - *CAMPUS* FORTALEZA -
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES -PPGARTES

ANA PAULA PINHO NÓBREGA

**O DESENHO DE RELEITURAS DE HISTÓRIAS INFANTIS EM SUPORTE
CERÂMICO COMO CONTRIBUTO NA APRENDIZAGEM E PROTAGONISMO
DAS CRIANÇAS DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

FORTALEZA

2025

ANA PAULA PINHO NÓBREGA

**O DESENHO DE RELEITURAS DE HISTÓRIAS INFANTIS EM SUPORTE
CERÂMICO COMO CONTRIBUTO NA APRENDIZAGEM E PROTAGONISMO
DAS CRIANÇAS DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso Profissional de Mestrado em Artes (PPGArtes) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) - *Campus* Fortaleza, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre. Área de concentração: Ensino e Aprendizagem em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Dr. Wendel Alves de Medeiros

FORTALEZA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação Instituto Federal do Ceará - IFCE
Sistema de Bibliotecas – SIBI
Ficha catalográfica elaborada pelo SIBI/IFCE, com os dados fornecidos pela autora

P654u Pinho Nóbrega, Ana Paula.
O desenho de releituras de histórias infantis em suporte cerâmico como contributo na aprendizagem e protagonismo das crianças das Séries Iniciais do Ensino Fundamental/Ana Paula Pinho Nóbrega. - 2025.
67 f.: il. color.

Dissertação de Mestrado - Instituto Federal de Educação do Ceará, Curso de Mestrado Profissional em Artes, Campus Fortaleza, 2025.

Orientação: Prof. Dr. Wendel Alves de Medeiros.

1. Autonomia. 2. Abordagem Triangular. 3. Cerâmica. 4. Criança. 5. Desenho. I. Título.

CDD 700

ANA PAULA PINHO NÓBREGA

**O DESENHO DE RELEITURAS DE HISTÓRIAS INFANTIS EM SUPORTE
CERÂMICO COMO CONTRIBUTO NA APRENDIZAGEM E PROTAGONISMO
DAS CRIANÇAS DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Curso de Mestrado Profissional em Artes - (PPGARTES) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)/*Campus* Fortaleza, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre. Área de concentração: Ensino e Aprendizagem em Artes Visuais.

Aprovado (a) em: ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Wendel Alves de Medeiros (Orientador)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) – *Campus* Fortaleza

Profa. Dra. Diana Patrícia Medina Pereira
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) - *Campus* Fortaleza

Prof. Dr. Alexandre Santiago da Costa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser minha fortaleza e centro de tudo. A meus pais por me ensinarem os valores éticos e o verdadeiro significado do amor em família e a importância da educação para vida.

À minha família, meu esposo João Nóbrega Neto, que contribuiu com o despertar o olhar apreciativo da Arte, pelo apoio e incentivo diário, no desejo de seguir em frente, pela dedicação de seu tempo e parceria, pelo diálogo e compreensão das minhas ausências.

Aos meus quatro filhos, Brunno Henrique, Brenno Eduardo, João Paulo e Ana Gabriela Pinho Nóbrega, que acreditaram no meu potencial artístico e profissional, pelo amor incondicional, pelas lições de vida nos momentos de angústia, por vezes fraquejados na árdua caminhada de pesquisadora e mãe ausente, não menos acolhedora e grata em todos os aprendizados. Em especial, aos meus quatro netos, que foram minha primeira inspiração, como legado para futuros estudos e contribuição em suas vidas.

Aos amigos e colegas de estudos, que vivenciaram comigo, grandes desafios e me ajudaram a vencê-los, em especial aos que me acompanharam durante a graduação, Lídia Pereira e Neide Ávila, às companheiras e parceiras de escola Jane Dantas e Glaíce Calixto, agradeço o carinho, o apoio, o acolhimento, a paciência, os conselhos, os ensinamentos, as palavras motivadoras. E todos os amigos que, de alguma forma, contribuíram com incentivos e palavras de conforto e motivação.

Aos professores do IFCE, que muito contribuíram com minha formação acadêmica, em especial meu orientador, prof. Dr. Wendel Alves de Medeiros, pelo compromisso ético, pela competência, dedicação e todo empenho. Seu suporte foi fundamental nesse percurso pedagógico, pois com seriedade, valorizou e motivou os momentos pedagógicos, pelos risos e incentivos que contribuíram com o processo de criação, pelos desafios libertadores, intensificando a vitória em cada etapa conquistada.

Agradeço à incrível banca examinadora, que muito contribuiu com os ensinamentos, as intervenções na qualificação, as trocas de experiências e especial atenção. Vocês são verdadeiros mestres, doutores em formação, apaixonados pelos estudos sobre arte, educação e ensino.

Agradeço, ainda, à Secretaria de Educação (SME), pela oportunidade e parceria com a educação e IFCE, que proporcionou vivenciar intensamente este processo, deveras muito importante e desafiador, ressignificando minha prática.

Finalmente, às crianças partícipes deste estudo, que sempre me encantam e surpreendem, com elas ensino e aprendo todos os dias.

A arte é a prova viva e concreta de que o homem é capaz de restabelecer, conscientemente e, portanto, no plano de significado, a união entre sentido, necessidade, impulso e ação que é característica do ser vivo (John Dewey *apud* Goldberg, 2021, p.71).

RESUMO

Esta é uma Pesquisa Educacional Baseada em Arte, que tem como objeto de estudo, o desenho de releituras de histórias infantis em suporte cerâmico, como contributo na aprendizagem e protagonismo das crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental. O estudo traz a questão, como experiências de releituras de contos infantis, a partir do desenho em suporte cerâmico, contribuindo com o desenvolvimento crítico, a autonomia e o protagonismo das crianças no terceiro ano das séries iniciais da Escola Municipal Irmã Simas. Dessa forma, o objetivo geral é investigar, como experiências de releituras de contos infantis, a partir do desenho em suporte cerâmico, contribuem com o desenvolvimento da autonomia e o protagonismo das crianças. O aporte teórico ancora-se nos estudos de Goldberg (2021) sobre autobiografismo; Ferraz e Fusari (1999) acerca da importância da arte-educação e Edith Derdyk (1994) em relação ao conceito de desenho. Como referencial metodológico, utilizamos a Abordagem Triangular de Barbosa (2010), com a implementação de uma oficina de desenho em suporte cerâmico. Como produção de dados recorreu-se ao diário de campo, fotografias e registros audiovisuais, além da coleta de depoimentos das crianças sobre suas vivências. A análise e os resultados foram introduzidos no processo de qualificação, revelou o desenvolvimento crítico e as habilidades artísticas das crianças, reverberando numa exposição dos trabalhos, na Biblioteca da Escola de origem, estimulou a riqueza das narrativas gráficas, bem como a organização de uma videoaula, na construção do produto final. Os resultados apontam que não se pode dissociar a autonomia da capacidade natural de refletir sobre as subjetividades, manifestando a força motriz na sensibilidade estética infantil, por meio das experiências em arte educativas como o desenho e a cerâmica, na aproximação da curiosidade e identidade dos contos infantis.

Palavras chave: Autonomia. Abordagem Triangular. Cerâmica. Criança. Desenho.

ABSTRACT

This is an Art-Based Educational Research, which has as its object of study the drawing retellings of children's stories on ceramic support, as a contribution to the learning and protagonism of children in the initial grades of Elementary School. The study raises the question, how experiences of retellings of children's stories, based on drawing on ceramic support, contribute to the critical development, autonomy and protagonism of children in the third year of the initial grades of the Irmã Simas Municipal School. Thus, the general objective is to investigate how experiences of retellings of children's stories, based on drawing on ceramic support, contribute to the development of autonomy and protagonism of children. The theoretical contribution is anchored in the studies of Goldberg (2021) on autobiography; Ferraz and Fusari (1999) on the importance of art education and Edith Derdyk (1994) in relation to the concept of drawing. As a methodological framework, we used Barbosa's Triangular Approach (2010), with the implementation of a drawing workshop on ceramic support. As data production, we used the field diary, photographs, and audiovisual records, in addition to the collection of testimonies from the children about their experiences. The analysis and results were introduced into the qualification process, revealing the critical development and artistic skills of the children, reverberating in an exhibition of the works, in the Library of the school of origin, stimulating the richness of graphic narratives, as well as the organization of a video lesson, in the construction of the final product. The results indicate that autonomy cannot be dissociated from the natural capacity to reflect on subjectivities, manifesting the driving force in children's aesthetic sensitivity, through experiences in educational arts such as drawing and ceramics, in the approximation of curiosity and identity of children's stories.

Keywords: Autonomy. Triangular Approach. Ceramics. Child. Drawing.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Caminho da história do desenho	39
Figura 2 — Marcas e escritos das cavernas	39
Figura 3 — Objetos bidimensionais e vasos tridimensionais.....	40
Figura 4 — Objetos cerâmicos e pote de barro.....	40
Figura 5 — Narração do Conto motivador da arte.....	41
Figura 6 — Livro paradidático.....	41
Figura 7 — Pátio da olaria.....	42
Figura 8 — Olaria.....	42
Figura 9 — Exposição na Biblioteca Monteiro Lobato.....	52
Figura 10 — O pôr do sol.....	54
Figura 11 — Subindo as montanhas.....	55
Figura 12 — Casa no escuro.....	56
Figura 13 — Brincando de pipa.....	57
Figura 14 — Catnep (Gato da noite).....	58
Figura 15 — Refúgio de estrelas arco-íris.....	59
Figura 16 — O pequeno castelo.....	60

LISTA DE SIGLAS

AT	Abordagem Triangular
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
IFCE	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
DCRF	Documento Curricular Referencial de Fortaleza
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
SME	Secretaria Municipal de Educação
PPG	Programa de Pós Graduação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 Saberes e fazeres da trajetória pessoal	16
1.2 Aspectos operacionais do artesanato e da literatura no imaginário infantil.....	23
2 O USO DA ABORDAGEM TRIANGULAR DE ANA MAE BARBOSA, NA SISTEMATIZAÇÃO E APLICAÇÃO DA PESQUISA NO LÓCUS	27
2.1 O potencial do desenho como força reveladora da autonomia da criança.....	32
2.2 O ato de desenhar é quintal do imaginário.....	47
3 RESSIGNIFICANDO AS NARRATIVAS DAS CRIANÇAS NA EXPRESSÃO E ESTÉTICA	54
3.1 Resumo do Produto Educativo: Videoaula: O desenho de releituras de histórias infantis em suporte cerâmico como contributo na aprendizagem e protagonismo das crianças das séries iniciais do Ensino Fundamental – Um desdobramento videográfico	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
REFERÊNCIAS.....	66

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa de mestrado lança um olhar investigativo para o ensino de artes visuais no contexto da infância e traz como temática central: o uso do desenho como contribuição no desenvolvimento, autonomia e protagonismo da criança nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Especificamente, tem-se como objeto de estudo: o uso do desenho de releituras de histórias infantis em suporte cerâmico, como contribuição na aprendizagem e protagonismo da criança das séries iniciais do Ensino Fundamental.

Mediante o exposto, surge a seguinte questão: como experiências de releituras de contos infantis, a partir do desenho em suporte cerâmico, contribuem para o desenvolvimento crítico, a autonomia e o protagonismo das crianças do terceiro ano das séries iniciais? Neste sentido, ousamos implementar a criação artística no suporte cerâmico, com as crianças do 3º ano “A” na Escola Municipal Irmã Simas, localizada na cidade de Fortaleza-CE.

Fizemos um levantamento bibliográfico, que articularam as teorias, relacionando as percepções e as ações intuitivas que orientaram a prática das vivências arte educativas.

Diante da questão acima, existem algumas preocupações que focam diretamente nos nossos interesses. Qual seria a melhor forma de interdisciplinarizar esta ou aquela atividade, envolvendo o ensino da Arte? Qual a importância do desenho para as crianças? A combinação de vivências lúdicas como ferramenta de aprendizagem artística no suporte cerâmico, são relevantes para despertar com criticidade as expressões de seus desenhos? Como a criança aprende e desenvolve o seu protagonismo, interdisciplinando o ensino da Arte, por meio da representação de narrativas gráficas, no processo criativo de releituras de contos literários? Neste sentido propomos como objetivos específicos para contribuir no ensino da Arte, alguns experimentos, entre as quais, Realizar uma oficina de desenho em suporte cerâmico, com as crianças da turma do terceiro ano do ensino fundamental I da Escola Municipal Irmã Simas; Analisar à luz do autobiografismo, como as experiências de vida contribuem na autonomia e no protagonismo das crianças, se manifestam em seus desenhos, no suporte cerâmico; produzir uma exposição artística com os trabalhos imagéticos das crianças do terceiro ano do ensino fundamental I da Escola Municipal Irmã Simas, na própria escola e por último, criar uma videoaula sobre o ensino do desenho em suporte cerâmico, como produto educacional direcionado aos docentes que queiram experimentar o que vivenciamos em nossa investigação.

Dessa forma, durante o processo de formação dos estudos e pesquisa do mestrado, buscamos aprimorar conhecimentos, participando de experiências de mostras artísticas, na área da Arte, a fim de relacionar os saberes no eixo temático das Artes Visuais. O fato é que o

gosto pelas artes, imprimiu novos interesses sobre como reunir fundamentos, para melhor compreensão dos saberes e avançar com sucesso no comprometimento com a aprendizagem das crianças. Ampliamos o “olhar da arte,” motivando a aprendizagem de maneira lúdica para investigar, como esse processo poderia contribuir no desenvolvimento da autonomia, na aprendizagem cognitiva e crítica das crianças, haja vista as inúmeras possibilidades do ensino aprendizagem da Arte no contexto escolar.

No caso da cerâmica, é certo que relutamos em inclui-la e vários questionamentos surgiram, sobre como esse material poderia ser trabalhado em experiências arte educativas, principalmente com foco no processo de aprendizagem e autoconhecimento das crianças, mas sempre acreditamos que o contato fosse válido e decidimos seguir adiante com o seu uso. Do ponto de vista histórico, a cerâmica pode ser resgatada na construção da expressividade visual e artística, os traços culturais característicos de cada região. Além desses aspectos está relacionada a outras atividades e bens de consumo. Por meio do desenho a cerâmica, aguça a percepção da curiosidade das crianças, considerando as narrativas gráficas importantes na aprendizagem da arte, como alternativa técnica de criação, contribuindo no desenvolvimento de um novo método, de percepção das atividades lúdicas.

De acordo com Pimentel (2015), para relacionar a pesquisa em Arte é necessário saber fazer a “inter-relação Arte, pesquisa e ensino, os movimentos e intencionalidades de ação, exigem conhecimentos específicos, criatividade, conceitos em rede, convergindo e ou expandindo entendimentos”. Dessa investigação, seguimos em busca de respostas, que fossem favoráveis aos sentidos das crianças: Para onde ir? por onde ir? e por que ir? Sabemos que a escola é um ambiente propício para o desenvolvimento da aprendizagem significativa, mas para que isso ocorra é necessário, pensar “fora da caixinha”, buscar a forma mais desafiadora e prazerosa, para atrair a atenção dos nossos educandos. Isso significa que mesmo que o docente do Componente Arte precise nadar contra um ambiente educacional bancário, acostumado a uma visão reprodutora de modelos na formação da prática docente, não poderíamos generalizar e excluir as artes dos currículos. De acordo com Paulo Freire:

O educador democrático não pode negar-se ao dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada que ver com o discurso “bancário” meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo. É exatamente neste sentido que ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível”. (Freire, 1996, p.14).

Nesse sentido, a construção da identidade e o conhecimento exploratório da cerâmica, favorece a progressão das relações com a pesquisa em Arte, evidenciam importantes valores para melhor desempenho na formação estética dos aprendentes de forma dinâmica e isso nos atravessa, projetando novas ações e modalidades de ensino aprendizagem, no aproveitamento de outros espaços pedagógicos da escola. Imbuídos na relação com o que aprendemos enquanto ensinamos, quanto de quem integra saberes e conecta conhecimentos culturais vividos, empreendemos em busca de um novo território e melhores condições de estudo para a aprendizagem da Arte. Nessa perspectiva, elaboramos intervenções diferentes das rotinas e estratégias usadas em sala de aula. Observamos que cotidianamente, vemos repetições no exercício de algumas ações pedagógicas, como principal via de exposições da arte, o registro de tempo de descanso, com pinturas ou cópias de imagens sugestionadas.

Nessa busca por território, encontramos a Biblioteca como um espaço amplo, lúdico e estimulador da autonomia e da liberdade de expressão. Reconhecemos, como possibilidade de aprendizagem, por ser um espaço lúdico, é tranquilo e pode despertar interesses individuais pois, permite a circulação entre as prateleiras, favorece o protagonismo e a atenção das crianças, diferente da sala de aula. As crianças também têm a oportunidade de visualizar as imagens dos livros, ler e escutar as histórias de contos infantis, como também contar histórias, relacionando suas experiências culturais, contribuindo no desenvolvimento da autonomia e da potencialização da reflexão das crianças.

Neste contexto, quando apresentarmos a literatura dos contos infantis, percebemos o entusiasmo das crianças como impulso motivador do imaginário, visto que as ilustrações dos livros, trazem um leque de possibilidades imaginativas, contribuindo na criação artística e na revelação das subjetividades, proporcionando um diálogo expressivo e curioso por meio das vivências arte educativas. Nessa perspectiva de inovação e expansão dos processos artísticos, interessam-nos as palavras de Pimentel (2017), ao declarar:

[...] Professoras/Artistas/Pesquisadoras que sejam capazes de criar, produzir, pesquisar, teorizar, educar, provocar, refletir, construir trajetórias e aceitar desvios. Que se movam nos interstícios considerando os tiscos, ambos como plenos de potencialidades. Nossa responsabilidade frente às nossas escolhas não se restringe a um processo localizado apenas no contato acadêmico. Ela refletirá nossas próprias concepções enquanto indivíduos culturais e, portanto, políticos (Pimentel, 2017, p.310).

Corroborando com Pimentel que considera os “tiscos” como intervalos de tempo para produção de conhecimentos, na percepção da evolução das potencialidades e provocar a fruição, foi o ponto sugestivo. Percebemos os desvios geradores dos movimentos da arte, com

os contos literários conectando momentos reflexivos, na construção de vínculos e comunicação dos processos de formação das crianças, como possibilidade desafiadora de aproximação da vivência lúdica. Elencamos a importância da evolução da autonomia, fazendo as análises no desenvolvimento das competências, considerando a liberdade de expressão infantil e as habilidades estéticas, para potencializar a autoformação e o protagonismo, valorizando também a fantasia infantil e o respeito às práticas das relações interculturais.

Assim entre as competências gerais da Educação Básica propostas na BNCC, a autonomia valoriza a diversidade dos saberes e vivências culturais, conforme:

Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas (BNCC, 2017 p.65).

Com respeito às diversidades de saberes culturais das crianças, cabe a nós educadores, prepará-las para saberem codificar e decodificar imagens visuais, de maneira que favoreçam o seu protagonismo na elaboração, reelaboração, utilização e reutilização das linguagens artísticas que compõem as artes, educando-os para que sejam críticos e conscientes na comunicação social e nas relações com o mundo. Aos poucos pude observar mudanças no comportamento e na postura participativa, nos testes de experimentos com a mistura de cores de tintas e outros materiais que de certa forma, despertaram a criação de hipóteses, na reflexão sobre os desenhos na cerâmica, visualizando releituras de contos infantis.

Com vista nesses aspectos, o leitor pode, *a priori*, estranhar a conjunção do autobiografismo, da cerâmica, do desenho e da literatura - não necessariamente nessa ordem - mas, eles estão intimamente ligados ao tema e ao objeto de estudo com o qual nos debruçamos neste trabalho, por uma razão específica e para que as coisas se clarifiquem, faz-se necessário apresentar nos próximos parágrafos o meu caminhar pessoal e profissional, que levou ao ofício docente e a prática com o desenho e a cerâmica no contexto da sala de aula. Para melhor entendimento, voltarei algumas décadas, onde residem as bases de minha trajetória pessoal com o uso da argila e cerâmica.

1.1 Saberes e fazeres da trajetória pessoal

O fato é que me casei muito jovem e foi nesse momento de constituição de uma família que tive a oportunidade de conhecer primeiro o artesanato. Vale ressaltar que aqui

trato artesanato, levando em consideração que o artesanato é uma forma de produção cultural historicamente conhecida, feita por mãos habilidosas de artesãos, caracterizando a tradição de um povo, seus costumes e valores. Expressa sentimentos e aspectos significativos nas dimensões estéticas, de símbolos e identidades de saberes e fazeres artesanais. Barroso (2000, p.17), comenta o conceito: “como artesanato toda atividade produtiva de objetos e artefatos realizados manualmente, ou com a utilização de meios tradicionais ou rudimentares, com habilidade, destreza, apuro técnico, engenho e arte.”

De acordo com o Dicionário Aurélio (1997, p. 64), artesanato é: s.m. ofício de artesão, conjunto dos artesãos, indústria caseira, obra de artesão.

Nesse contexto, sabe-se que artesanato e arte são coisas diferentes, mas que se analisados criticamente e até economicamente, contribuem para evolução do protagonismo dessas crianças, podendo inferir positivamente nos processos de aprendizagem e desenvolvimento do ser, por meio das narrativas dos desenhos, pois critérios distintos configuram, importantes pontos em comum, na valorização da Arte.

Diante desses saberes e fazeres, no convívio afetivo familiar, poeticamente fui encantada e casei-me, deparando-me com uma família de talentosos artesãos e foi meu esposo João Neto, que me apresentou a artesanaria de se criar coisas, através da transformação de diferentes matérias-primas como a argila, uma substância bruta, que quando moldada e aquecida a altas temperaturas, transmuta-se em cerâmica. João aprendeu cedo o ofício com a minha sogra artesã e esses valores afetivos me fazem lembrar de minha mãe, que também possui habilidades manuais com bordados em pontos de cruz, crochês e pintura em tecidos. Essas vivências com a arte aplicada de meu esposo artesão, bem como das lembranças de minha mãe criativa e habilidosa, muito cedo despertaram em mim, ainda que de forma empírica, saberes incitadores de criação com cerâmicas e vasos ornamentais, ao trabalhar as encomendas que recebia de parentes e amigos, por saberem que eu tinha fácil acesso a esses materiais e equipamentos presentes na olaria¹ da família do meu marido.

Neste convívio em um ambiente extremamente criativo, fui percebendo o caráter transformador que a argila e cerâmica propiciavam em cada peça que eu criava e que davam vida às ideias que passavam em minha cabeça. Nessa perspectiva, ao construir peças de cerâmica bidimensionais, desenhá-las e pintá-las, além de elaborar detalhes ornamentais ao

¹ Olaria é o nome da arte que consiste na elaboração de vasos e outras peças de barro cozido. Também têm esse nome as lojas onde se comercializam essas peças e onde o próprio artesão as fabrica. Por norma, o conceito de olaria é utilizado para fazer referência a essas peças realizadas sem esmalte ou com verniz aplicado numa única cocção. Por isso, o oleiro (aquele que trabalha com olaria) distingue-se do ceramista, já que este acrescenta esmaltes e utiliza diversas técnicas nas suas peças, com mais de uma cocção.

decorá-las com galhos e folhas secas, essas ações artísticas propiciaram memórias tão importantes, que a sensibilidade desse ofício artesão, provocou efeitos sobre o meu pensar e o fazer artístico, como bem ressaltou Tardif (2014), são saberes experienciais que afetam o ser docente na qual me tornei. Os Saberes experienciais em Tardif (2014, p. 39) “[...] brotam da experiência e são por ela validados. Eles incorporam-se à experiência individual e coletiva sob a forma de *habitus* e de habilidades, de saber-fazer e saber-ser.” Tardif (2014) reitera, ressaltando que o professor, diferentemente dos técnicos e cientistas, não trabalha somente a partir de modelos ou problemas abstratos. Segundo o autor, o docente no exercício cotidiano de sua função, os condicionantes aparecem relacionados a situações concretas que não são passíveis de definições acabadas e que exigem improvisação e habilidade pessoal, bem como a capacidade de enfrentar situações mais ou menos transitórias e variáveis.

A combinação de conhecimentos específicos no aprofundamento e ampliação das experiências por mim adquiridas sobre o artesanato, que argila e a cerâmica puderam ser aproveitados na forma como eu contextualizo, aprecio e produzo não só o artesanato, mas, conseqüentemente, sobre como eu fruo o universo das artes visuais.

Concomitante ao desenvolvimento de minhas habilidades e formas de se enxergar o mundo por um viés sensível e crítico provocado pelo contato com a argila e a cerâmica, a paixão pelo ofício docente entrou cedo em minha vida, antes mesmo de me tornar uma educadora graduada. Sou mãe de 4 (quatro) filhos, eduquei meus filhos gêmeos, ao mesmo tempo em que eu estudava na faculdade de Pedagogia no ano de 1998, na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Posteriormente, comecei pelo estágio docente na escola Instituto Pedagógico Pampulha, no qual também dividia os estudos, na assistência deles e ao terceiro filho muito pequeno, mesmo assim consegui me formar em 2002. Desde então, não deixei a área da pedagogia, trabalhando por 7 anos como professora temporária nas Escolas do Estado e Prefeitura em especial, “Escola Ismael Pordeus”, onde fiquei lotada por 3 anos principalmente no ensino das séries iniciais do Ensino Fundamental. Cursei a especialização em Psicopedagogia e terminei no ano 2015 pela Universidade Estadual do Ceará UECE, cujo foco se voltou para o estudo do universo infantil.

Por ser uma pessoa comunicativa, sempre apreciei trabalhar com afetividade buscando no diálogo, uma maneira de atrair melhor a comunicação, na tentativa de compreender tudo o que interessava às crianças e gerar vínculos que pudessem ajudar na construção da troca dos saberes em sala de aula, ciente da necessidade de planejar boas intervenções, diante das dificuldades de aprendizagem e que favorece a autonomia. Neste percurso afetivo, pormenorizando meus sentimentos e vontade de ensinar com prazer,

sinalizavam novos desafios; como o de resgatar os educandos das aulas desmotivadas, que denunciavam um tipo de educação “artística” errada, completamente diferente daquilo que conheci sobre arte, recorrendo como instrumento das aulas e a pedido das crianças, acesso aos desenhos xerocopiados, que diferente do que eu esperava causavam agitação, conversas paralelas e desinteresse geral.

Larrosa afirma que a arte é atrair a sensibilidade, é o que nos afeta e toca estando aberto à “autotransformação”. Ele reitera que Arte é fundamento para vida, e não um instrumento. “A arte é o que nos traz a carga sensível do mundo. A arte é o mundo como cor, como som, como textura, como rugosidade. É como se a arte abrisse a pele do mundo e, portanto, a arte oferece o mundo sensível e não tanto o compreensível” (Larrosa, 2013).

Dessa forma, por habitualmente acreditar que meus alunos deveriam aprender de forma dinâmica e prazerosa tornou-se relevante, o paralelo entre a afetividade e a cultura da criança. Por vezes, o currículo e o ensino dos livros de Arte são diferentes do mundo deles, não trata sobre assuntos sociais das redes de seus interesses e são desconectados, porque também não socializam os acontecimentos da comunidade onde elas vivem, que de alguma forma, isso impacta no contexto da sala de aula. Tudo isso me fez ter a percepção de que a Arte implica novos resultados na vida escolar da criança, fez acreditar e atribuir o ensino e a aprendizagem com o uso de novas técnicas na relação com outras possibilidades, incentivando o desenvolvimento cultural dos alunos. Inicialmente, eu usava em sala apenas o papel sulfite, um suporte bastante comum nas escolas e escritórios, logo depois vieram os experimentos com desenhos feitos com EVA,² corroborando no sentido da atenção, coordenação motora e percepção estética no preenchimento dos desenhos com mosaico de restos de EVA compreendendo, o desenvolvimento da coordenação motora. Por fim, hoje tenho feito proposições com o reconto da literatura infantil, no incentivo à imaginação através do processo de criação e reflexão, integrando a narração das histórias dos contos, nas aulas práticas de arte, na exploração dos diálogos e narrativas, relacionando o repertório individual, por meio de desenhos para que eles se manifestem em suporte cerâmico.

Como suporte do diálogo inicial deste trabalho, busquei a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, na qual informa que a Arte entra no currículo escolar como disciplina obrigatória, ajudando na promoção do

² EVA é um acrônimo para Ethylene Vinyl Acetate, que em português significa etileno, vinil e acetato. O EVA é um material emborrachado, flexível, resistente, atóxico, lavável e aderente. O EVA é muito utilizado em diversos segmentos, como: artesanato: para fazer peças como convites, máscaras e cenários; Decoração: para cobrir cadernos e outros objetos; Ensino como material de ensino em escolas; Segurança: devido à sua densidade, pode ser usado para absorver impactos. (base de dados WEB e do mapa de informações do google, na IA.) (<https://maispolimeros.com.br>)

conhecimento cultural dos alunos. De acordo com o art. 26, § 2º “O ensino da Arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (Brasil, 1996).

O olhar apreciativo das habilidades artísticas do professor pedagogo sozinho, nas séries iniciais, muitas vezes torna-se ultrapassado na visão dos grandes gestores conteudistas, acumuladores de metas, números e notas. Nós professores por sua vez podemos indagar: Qual a melhor maneira de ensinar artes e aprender com as crianças? Será que o silêncio ou as palavras sozinhas convencem aos gestores da importância da disponibilização de diversos recursos plásticos para desenvolver a imaginação e a curiosidade infantil? Que postura o professor pedagogo deve atribuir, para impulsionar o contexto artístico de sua prática, na apresentação dos saberes e fazeres, em atividades que envolvam a expressividade, a criatividade, o protagonismo e autonomia das crianças?

Diante da importância deste contexto, mesmo sem ter a graduação em “Arte” a movimentação e ousadia nas aulas de arte, passaram a ser mais valorizadas. Conseqüentemente, as crianças foram sendo estimuladas ludicamente em cada aula, sentindo-se pertencentes a uma nova maneira de enxergar o mundo, valorizando seus saberes, despertando a sensibilidade e afeição ao relacionar suas narrativas gráficas, inseridas no cotidiano e nos entrelaces dos contos infantis. Em linhas amplas percebe-se que o conhecimento da Arte traz uma visão política do mundo artístico para o aluno, libertando-o para transformar sua realidade de modo mais flexível, positivo, crítico, participativo, permitindo-se ser mais sonhador.

Barbosa (2012), afirma sobre a importância da arte, como representação de melhoria na aprendizagem do ser, ao citar:

A Arte não é apenas básica, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve. Arte não é enfeite. Arte é cognição, é profissão, é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário, e é conteúdo. Como conteúdo, a arte representa o melhor trabalho do ser humano (Barbosa, 2012, p.4).

Neste sentido a Arte como conhecimento, reverbera no desenvolvimento da cognição e ampliação do repertório visual, como suporte das expressões narrativas do educando. Em vista disso, adotamos em nossa prática, vivências de interação com um novo tipo de suporte para agregar o desenho de maneira pedagógica, a partir das minhas experiências artísticas, reunindo a capacidade expressiva das crianças, no cultivo do imaginário e inserção de símbolos.

O desenho comumente é um grande aliado, como linguagem de base nas aulas de

Arte, para expressar a manifestação dos enfoques e preferências das crianças, sendo assim continuar com o desenho, permitiu o agir e o refletir das crianças, favoreceu a arte de contar, de falar de si, de criar e recriar. Considerando que, toda criança gosta de brincar, desenhar, inspirar-se, expressar-se no desenho, autobiografar-se. Não o desenho pelo desenho em si, mas inserido em um contexto que possa despertar seu interesse, que desde muito cedo, demonstram que são formadoras de opiniões, gostos e preferências, enredando que a educação inserida na poética da Arte literária, é capaz de promover reflexões e “valores culturais” em muitas de suas experiências vividas.

Com o tempo, me surpreendi muito com a relação de confiança, que cada educando depositou em mim dado meu interesse por suas biografias, que frequentemente apresentavam-se narradas em seus desenhos, relacionando as aulas de arte ao desenvolvimento do protagonismo.

Dessa forma me debrucei nos estudos sobre o biografismo, por ser um termo atual e representar muitos debates e permitir pesquisas futuras, no resgate dos conceitos no quadro da pesquisa (auto)biográfica, proposto por Goldberg (2017). Definindo-se por constituir dos termos: “auto, referente à escrita de si; bio, referente à vida, e grafismo, originário do traço, do desenho, do imaginário, da vida simbolizada em formas e figuras.” (Goldberg, 2017, p.157).

Perceber que a minha narrativa, é importante para valorizar operacionalidade, com liberdade, em favor do ensino e aprendizagem da Arte, agrega conhecimentos de maneira democrática e projetos que dão continuidade a realização pessoal. Assim, as descobertas da Arte têm dimensões infinitas e constituíram-se em minha trajetória, como motivação de uma história inserida em um ambiente sócio afetivo, atravessando a construção da prática curricular, sendo viável proporcionarmos o ensino diferente, potencializando o ensino artístico, nas representações das crianças, por meio de símbolos gráficos que constituem o desenho no suporte cerâmico, a pintura e até colagem de raspas de lápis, como elementos salutaros do lúdico, podendo sensibilizar e intervir nas subjetividades infantis. Por consequência, relacionamos a imaginação, a cognição e as narrativas gráficas, no universo da criança, refletindo sobre o conhecimento heurístico e os saberes sociais, experienciados, na escola. Neste sentido, corroboramos com Luciane, ao afirmar:

[...] acredito e defendo que o processo de elaboração de narrativas de vida pelo desenho e que este pode contribuir para proporcionar o desenvolvimento desses universos únicos de representações nas crianças, aflorando suas figuras e criando suas simbologias, assim como se produz suas subjetividades e singularidades, elementos essenciais para a formação humana e para a constituição de si. (Goldberg, p.2017. 29).

Sim, o desenho aqui é encarado como uma ferramenta expressiva e artística capaz de criar gestos autobiográficos, ou melhor, de visualidades que revelam o “eu”, a vida e o entorno dos pequenos. Com isso, era comum eu tentar encontrar nas atividades visuais, traços artísticos que as crianças do 3^a ano A, das séries iniciais, elaboravam nas folhas que eu distribuía. Tais traços artísticos representam os elementos significativos de suas histórias, sonhos, imaginações e experiências prazerosas ou não de seus universos.

Embora o desenho infantil seja impregnado de invenções, que são próprias da atividade momentânea da criança, possibilitar a prática de criação em um lugar diferente do papel, devolve a curiosidade da criança, por um desenho inédito no suporte cerâmico nunca apresentado, que traz em seu bojo uma diferença: após a recepção do registro criativo, não pode ser apagado entregando saberes importantes, já internalizados. O motivo de ter optado pelo desenho no suporte cerâmico também leva em consideração o reconhecimento de um produto artesanal que está associado ao surgimento de algumas atividades, contendo sucintamente alguns de seus benefícios necessários à vida em coletividade. É curioso, conhecido e vivenciado na prática pela família, além de oferecer diferentes visões para as crianças, acerca do manuseio de uma matéria prima mineral, como a argila e o prato de cerâmica.

A proposta do trabalho com a literatura contextualizada na organização das criações visuais das crianças, corroboram com Goldberg (2021), sobre a importância do biografismo como uma ferramenta em que as crianças podem sim refletir sobre si, relacionando a literatura e fantasia e conseqüentemente das suas relações com o entorno, por meio do desenho. Ela revela nos estudos com base em Phillipe Greig, afirma que, “quando a escrita permitir uma autobiografia, o desenho terá possibilitado antes o autobiografismo.” (Goldberg, p. 13).

Nesse sentido, ressignifica cada passo dado, cada erro e acerto, em favor de novas estratégias, assegurando o diálogo, formado pelo vínculo afetivo com os alunos. Como consequência, resgata valores internalizados na alma, descortina sentimentos e pertencimentos, considerando os saberes experienciados com artefatos cerâmicos, interessantes para o desenvolvimento de uma atividade pedagogicamente significativa. Assim, ainda discorro sobre a importância de compreender quais elementos são considerados relevantes para a prática do desenho e transparência para enriquecer e pintar as narrativas das crianças, o que podemos constatar na próxima sessão.

1.2 Aspectos operacionais do artesanato e da literatura no imaginário infantil

O artesanato historicamente conhecido, foi por muito tempo a única forma de se criar artefatos, evidenciando que a atividade artesanal acompanha a humanidade desde seus primórdios. Não somente como produção, que promove um aprendizado intencional e criativo, mas também na promoção da cultura local e valorização de uma prática que envolve o conhecimento efetivo, ancestral na apresentação de ferramentas e uso de técnicas específicas de cada região. De acordo com Paula Netto *et al* (2023), o artesanato é relevante para desenvolver a autonomia e o trabalho de divulgação cultural, pois:

Revela-se o artesanato como um importante elemento cultural que transmite diversas poéticas artísticas e sociais regionais ao se dispor frente aos elementos artísticos presentes na sua composição e concepção, agregando valor às peças únicas”. (História e Cultura. Artigos Livros e Resenhas . v.12, n.1, jul/2023 | ISSN: 2238-6270).

Dessa forma, os valores culturais adquiridos do artesanato compõem-se como uma alternativa ou meio de relacionar as atividades pedagógicas com crianças na escola ou fora dela, visto a relevância das pistas deixadas sobre civilizações existentes a milhares de anos, as marcas de suas especificidades, incluindo de forma contemporânea, no elenco de atividades e conceitos de indústrias criativas. O uso do artefato cerâmico como material de manuseio simples, no despertar artístico nas atividades pedagógicas, constitui-se matéria prima mineral, podendo ser utilizada, após passar por tratamento natural, para o bem de consumo, confirmado na citação:

A matéria prima do artesanato é considerada toda a substância principal, que tenha origem animal, vegetal ou mineral, e que é utilizada na produção artesanal, passando assim por um tratamento e/ou transformação de natureza sendo ela física ou química, o que acarreta em bem de consumo. A mesma também pode ser utilizada em seu estado natural, após serem processadas artesanalmente, industrialmente ou até mesmo decorrentes de processo de reciclagem e/ou de reutilização (Paula Netto *et al*, 2023, p.2238).

Neste sentido, tentamos promover uma melhor visão e compreensão do processo artístico, favorecendo o desenvolvimento de novas habilidades com desenho, relacionando a importância da experiência, na construção de narrativas de temáticas socioafetivas, no momento da produção. Diante disso, indaga-se: - quando entrou a literatura nesse processo dinâmico de atividade com o desenho espontâneo?

Essa estratégia foi pensada para que as crianças expressassem sua imaginação,

associando suas falas e desejos, aos contos temáticos, a fim de motivá-los com o auxílio de autores infantis ou de textos e contos modernos. Priorizamos referências, sempre integrado aos conteúdos sistemáticos, que fossem desenvolvidos de acordo com o calendário da escola. O interessante é que os livros adotados, em sua grande maioria, traziam personagens centrais com os quais as crianças poderiam se identificar, incentivando-os a produzirem suas próprias histórias nos desenhos, que passavam a criar nos suportes cerâmicos, distribuídos em sala.

Considerando que a literatura infantil contribui no incentivo de narrativas e na capacidade de representação da arte, cada produção tornou-se um momento mágico em que eles colocavam toda potência imaginativa, tornando seus desenhos reveladores. A relação com as narrativas individuais ligadas ao contexto reflexivo da história, tornavam favoráveis à concentração nas aulas e a socialização, envolvendo as trocas de experiências socioafetivas, na evolução dos sentimentos e habilidades. Esse fato acabou favorecendo da sensibilidade artística e o diálogo com as especificidades das crianças, manifestando a capacidade de pensar e agir criticamente, ampliando também o seu repertório cultural.

Nóbrega e Albuquerque (2023) relatam a afirmação de Lev Vygotsky (1896 - 1934) sobre a imaginação possuir uma função importante para desenvolvimento do comportamento humano, sendo necessária para quase toda a ação do homem, pois transforma os limites da experiência:

Ela transforma-se em meio de ampliação da experiência de uma pessoa porque, tendo por base a narração ou a descrição de outrem, ela pode imaginar o que não viu, o que não vivenciou diretamente em sua própria experiência. A pessoa não se restringe ao círculo e aos limites estreitos de sua experiência, mas pode aventurar-se para além deles, assimilando a experiência histórica ou social alheia, com a ajuda da imaginação (Vygotsky, 2018, p.27).

Ao imergir no imaginário, a criança constrói e amplia o seu repertório cultural, sobre a apreciação de diferentes processos de aprendizagem, importantes para o desenvolvimento de sua autonomia, como uma aprendizagem contínua, despertando seu protagonismo e criatividade, compreendendo as relações de informações e comunicação com as diversas linguagens artísticas como as artes visuais, dança, música e teatro. De acordo com o DCR For as múltiplas formas de expressão cultural, constituem:

Segundo a Base Nacional Comum Curricular - BNCC, o componente Arte estimula a criatividade, a fruição, a reflexão, a estesia, o protagonismo, a autonomia, o diálogo intercultural, o compartilhamento de saberes, a valorização do patrimônio artístico, a inovação tecnológica e o empreendedorismo (Brasil, 2017, p.193-211). O ensino da Arte na Educação Básica constitui, portanto, instância essencial para a formação integral dos estudantes, compromisso que constitui um dos fundamentos pedagógicos consignados na BNCC (Brasil, 2017, p.14). (Linguagens: volume 3, p.259).

No compromisso para o desenvolvimento das competências e do protagonismo infantil, reconhecemos o incentivo à autonomia, como evolução de um processo educacional humanizado, valorizando o campo do conhecimento artístico. Entendendo que autonomia é apropriar-se da própria história e refletir sobre ela, as expressões estéticas e culturais, podem ser identificadas nas narrativas visuais autobiográficas, lançando a reflexão crítica sobre si, ao vislumbrar naturalmente os saberes experienciados.

Neste sentido, a importância da Arte na Educação viabiliza melhor aprendizagem e possibilita formas e composições em diferentes contextos, haja visto que as crianças são seres criativos, capazes de absorver e assimilar o processo de Ensino e Aprendizagem da Arte, abrangendo a compreensão de gestos e subjetividades culturais. Buscamos dar sentidos e potencializá-la, principalmente em sua dimensão humanizadora e reflexiva, diante dos processos de valorização artística do ser e da apropriação do conhecimento, no desenvolvimento das possibilidades expressivas. Sobre a potência da arte em nossas vidas, encontramos reverberação nas palavras de Ferraz e Fusari (1999) que nos diz:

Logo ao nascer, passamos a viver em um mundo que já tem uma história social de produções culturais que contribuem para a estruturação de nosso senso estético. Desde a infância, tanto as crianças como nós, professores, interagimos com as manifestações culturais de nossa ambiência e vamos aprendendo a demonstrar nosso prazer e gosto, por imagens, objetos, músicas, falas, movimentos, histórias, jogos e informações com os quais nos comunicamos na vida cotidiana (por meio de conversas, livros ilustrados, feiras, exposições, rádio, televisão, discos, vídeos, revistas, cartazes, vitrines, ruas etc.). Gradativamente, vamos dando forma às nossas maneiras de admirar, de gostar, de julgar, de apreciar - e também de fazer - as diferentes manifestações culturais de nosso grupo social e, dentre elas, as obras de arte. (Ferraz e Fusari, 1999, p. 16-17).

Percebe-se em Ferraz e Fusari (1999), que a necessidade de formação sensível e estética é essencial para a nossa sobrevivência em um mundo permeado por códigos e signos culturais, imagéticos ou não, com os quais devemos conviver, entender, interpretar e até criar novas formas de nos expressamos para que possamos sobreviver e, é claro que isso deve ser trabalhado no contexto da infância, de maneira que possam aguçar o senso crítico, a criatividade e a expressividade de seus sentimentos em diferentes suportes. Conforme Ferraz e Fusari (1999, p. 18) "[...] a arte mobiliza continuamente nossas práticas culturais, mostrando-nos esteticamente as múltiplas visualidades, sonoridades, falas, movimentos, cenas, desde a nossa infância". É possível deduzir que as artes visuais possuem o poder de amplificar e melhorar nossas relações e práticas com os códigos visuais, que circulam em nosso entorno e essa relação deve nascer na infância. Com isso em mente, corroboramos com

Ferraz e Fusari (1999, p. 44) quando nos diz que "[...] como educadores, a nossa competência é incluir e educar a capacidade de julgar, avaliar as atividades e as experiências em todas as linguagens consideradas como meios de comunicação e expressão".

Dessa forma as artes visuais, agregam o pensamento artístico infantil, no envolvimento das narrativas gráficas, permitindo que as crianças percebam que desenhar, não parte somente das metáfora e das memórias das histórias dos contos infantis, mas é fato importante, porque pode associar as subjetividades e as vivências, no deixar afetar-se, no aproximar-se de si do seu discurso, para que saibam ressignificar as emoções nas releituras autobiográficas, na relação de autoconhecimento, autonomia e protagonismo.

Nos enfoques seguintes, apresentamos os processos trabalhados nesta pesquisa, os métodos, a metodologia e a produção criativa, com foco nos conceitos dos teóricos que iluminaram esta investigação.

2 O USO DA ABORDAGEM TRIANGULAR DE ANA MAE BARBOSA, NA SISTEMATIZAÇÃO E APLICAÇÃO DA PESQUISA NO LÓCUS

De acordo com Ana Mae Barbosa, sobre o conceito de arte-educação, temos:

Concebemos a Arte/Educação como construção de conhecimento, em que a cognição está inserida no “processo pelo qual o organismo torna-se consciente de seu meio ambiente”, por meio de experiências significativas ao longo de um processo, pois “refinar os sentidos e alargar a imaginação é o trabalho que a arte faz para potencializar a cognição” (Barbosa, 2010, p. 260).

Como nos diz Barbosa (2010), a arte-educação deve ser pensada e vivenciada em sala de aula, de maneira que as artes possam ser experienciadas pelos sujeitos, tornando-os conscientes em relação ao que são e ao ambiente que pertencem. A arte-educação não é um momento de relaxamento, passatempo ou instrumento para disciplinar e aquietar as crianças, com desenhos ou pinturas descoladas de suas realidades ou desprovidas de objetivos-fins. Ela é o meio para que as crianças pensem e reflitam sobre o que elas veem ao redor.

A arte-educação desenvolve nosso intelecto, a sensibilidade e a imaginação, bem como contribui para o desenvolvimento motor da criança, permitindo que elas possam dar respostas criativas e inventivas, frente aos desafios com os quais elas se deparam no dia a dia. Segundo Medeiros (2020), é por isso que Ana Mae Barbosa cria a Abordagem Triangular. A importância da Abordagem Triangular (AT) é tão grande que, na década de 1980, uma revolução no ensino de arte se instaura, liderada pela professora Ana Mae Barbosa:

Na década de 1980, prevalecia no ensino de Arte no Brasil uma forte influência modernista ancorada na livre expressão. Idealizada pela professora Ana Mae Barbosa, a Abordagem Triangular (AT) surge como um contraponto, uma resposta a esse processo demasiado subjetivo de ensino de Arte, livre de contextualização histórica e cultural. A AT tem sua origem no ano de 1983, no XIV Festival de Inverno de Campos do Jordão, ocasião em que aconteceu nesta edição um evento dedicado aos professores de Educação Artística da rede pública de ensino dessa cidade. O festival tornou-se uma referência de mudança na forma de ensinar arte em nosso país (Medeiros, 2020, p. 55).

Como se lê, Medeiros (2020) é enfático ao mostrar que a AT plantou uma semente que já germinou e até hoje resulta em ótimos frutos, quando Barbosa pensou sobre a necessidade das obras de artes, para além da questão expressiva, plástica e estética, serem discutidas e articuladas também com a história e o fazer, ou melhor, a prática em sala de aula. A AT “[...] fundamenta-se na leitura crítica de imagens, que passa pelo ato consciente de sua produção, como um entendimento do mundo” (Medeiros, 2020, p. 55). A AT é constituída por três

eixos: o contextualizar, o fruir e o fazer artístico, que não precisam estar dispostos nessa ordem hierárquica.

Nessa perspectiva, correlacionando a AT e a Abordagem Autobiográfica, compartilhamos essa conexão com o campo do conhecimento arte educativo, de teorias que nos auxiliam como propostas consistentes, no desenvolvimento da experiência na atividade operacional das crianças de maneira mais expressiva, individual e coletiva, valorizando o seu protagonismo, conforme constatamos nas palavras de Pimentel (2017, p.310):

[...] o professor ou o arte/educador, propicie experiências e ações em que o aluno e o arte/educando se relacionem com suas vivências pessoais e sociais, provocando uma atitude mental e comportamental significativa para a vida. A narrativa de si não é relato do que se passa com alguém, mas a construção de como o sujeito se percebe e se apresenta; é um processo contínuo...que deixa marcas e memórias em fluxo.

A AT e as narrativas de si, estão imbricadas de forma dinâmica pois, ambas buscam indicar fatores que favorecem a aprendizagem da arte, considerando essas ações impulsionadas por um sujeito individual, ora coletivo, corroborando com o viés da pesquisa autobiográfica no que diz ser possível via de estudo investigativo, na construção dos conhecimentos, unindo fatores do comportamento individual e do fator social, sendo provocadora de atitudes cognitivas, no desenvolvimento das habilidades artísticas. Dessa forma conferimos a experiência do método criativo, refletindo sobre a afirmação de Pimentel, (2017, p. 310):

[...] “a Abordagem Triangular, a narrativa de si têm estreita relação com as três ações basilares: no fazer, no fruir e no contextualizar, sendo que o fazer visa propiciar uma rede de construção de conhecimentos baseados no contato direto com experimentações estéticas; o fruir visa propiciar outras percepções do objeto, ou seja, a fruição pressupõe conhecimento e conseqüente correlação de elementos contextuais; o contextualizar visa estabelecer relações pela compreensão histórica, social e cultural da arte nas sociedades.

No sentido da operacionalização, o fazer, a experiência, se torna mais evidente possibilitando a vivência artística na apreciação dos recursos e técnicas no cumprimento do papel de organização e construção dos conhecimentos, benéficos à imersão na relação com os materiais disponibilizados. Na construção das narrativas de si, não é diferente, pois de acordo com Pimentel (2017, p. 311), “Para a construção da narrativa de si, também é necessária a imersão do sujeito em seu íntimo, apropriando-se das memórias de fatos e de sensações vivenciadas.”

É nesse sentido que agregamos as subjetividades das crianças à literatura infantil, por

despertar sensações imagéticas, propiciadoras da criação da linguagem das artes visuais, requisitando uma postura engendrada por meio do desenho. Sugerimos esse tipo de vivência lúdica, por constituir-se mais dinâmica e mais significativa para as crianças, apreciando primeiramente a professora narrando a história do conto, para só depois de um dia relacionar, refletir e interagir nas produções dos desenhos no suporte cerâmico. Com isso estabelecemos uma correspondência com as palavras de Derdyk (1994, p.73), ao revelar o aspecto operacional do desenho:

Desenhar é atividade lúdica, reunindo, como em todo jogo, o aspecto operacional e o imaginário. Todo o ato de brincar reúne esses dois aspectos que sadiamente se correspondem. A operacionalidade envolve o funcionamento físico, temporal, espacial, material, as regras; o imaginário envolve o projetar, o pensar, o idealizar, o imaginar situações.

Considerando a operacionalidade das ações principais da AT, no experimento do método criado, os eixos da AT compõem-se em vértices que se articulam e a presente pesquisa os pensou da seguinte forma: no Eixo 1. Contextualização. Segundo Barbosa (2010) é um eixo que “[...] abarca as ações que focalizam, por meio da reflexão, os diferentes contextos da arte: história, cultura, circunstâncias, histórias de vida, estilos e movimentos artísticos” (p.66). Sobre isso, o planejamento de nossa oficina com desenho em suporte cerâmico, iniciou-se a partir da apresentação da proposta a ser realizada com as crianças da 3ª série “A” da Escola Municipal Irmã Simas, localizada em Fortaleza-Ceará.

No momento da contextualização, Eixo 1. Apresentamos para as crianças o processo de formação dos elementos visuais e recursos utilizados, contextualizando a releitura como expressão espontânea daquilo que marcou na escuta do conto, fazendo uma releitura reflexiva, entrelaçada, de acordo com suas vivências culturais, para o momento de uma das fases do desenvolvimento da experiência.

Nesse momento, foram exploradas a linguagem da arte-educação e a relação com as artes visuais, priorizando as relações do conto, sobre como desenhar usando o “ponto e a linha”, promovendo na criança a sua curiosidade sobre atividade lúdica e a intimidade com o desenho, expandindo a capacidade dos processos formais. Foi também nesse eixo que nós promovemos a leitura do livro Para olhar e olhar de Novo (2005), da autora Eliana Pougy e ilustrações do artista Rogério Borges, Editora Moderna,³ para as crianças se sentirem instigadas a liberarem sua imaginação e inventividade espontânea, na criação de releituras

³ Sobre a autora Eliana Pougy: nasceu em Mogi das Cruzes, SP. Mestre em Psicologia e Educação pela Faculdade de Educação da USP, Especialista em Linguagens da Arte pelo CEUMA-USP. É autora de livros de Artes Visuais para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental I, além de ilustradora e arte-educadora. Texto extraído do site da editora Moderna: <https://www.moderna.com.br/literatura/livro/para-olhar-e-olhar-de-novo>.

visuais para refletir sobre as vivências e as relações dialogantes desse material didático.

No Eixo 2; a Fruição, Barbosa (2010) esclarece que essa etapa triangular:

[...] refere-se aos encontros com (que costumo chamar de conversas) com obras de artes e outras tantas construções simbólicas das culturas envolvendo, por exemplo, desde espaços urbanos, meios de comunicação e até objetos utilitários. Esse eixo nomeia então, a aprendizagem da experiência estética, que envolve também nosso contato com formas da natureza. (Barbosa 2010, p.65).

Neste eixo os elementos lúdicos na conexão com o caminho histórico das construções simbólicas do desenho, foram apresentados ao universo da criança, favorecendo a dinâmica da atividade de maneira simples e prazerosa. Trabalhamos de uma forma mais explícita, mostrando-lhes os trabalhos artísticos de artistas cearenses que criaram com estes tipos de materiais, no caso, a argila e a cerâmica. Esta ação pedagógica foi realizada visando a promoção do diálogo reflexivo com a interação dos objetos cerâmicos, apresentados na aula de campo, estruturada em uma visita à olaria.

Por último, no Eixo 3. Produção, é assim explicado por Barbosa (2010, p.65):

Entendo, assim, que o eixo da Produção, nomeia não apenas ações que caracterizam a aprendizagem do fazer artístico em contato com os materiais e com os princípios de normatividade das diferentes linguagens artísticas. [...] essas ações se referem à capacidade de produzir obras artísticas, mas também à capacidade de produzir leituras e relações conceituais, tão importantes para a experiência que também integram a concretização de formas artísticas.

Esa interface com a AT pressupõe uma proposta contemporânea, rompendo fronteiras, entregando propostas artísticas, nos processos de criação de releituras infantis, privilegiando a diversidade dos recursos, agregando as técnicas necessárias na construção do perfil de abertura do conhecimento experimental em Arte.

Dessa forma, foram entregues os suportes cerâmicos em formato de pratos para apreciação do processo de conhecimento, propiciando uma visão técnica, motora e instrumental, dos recursos apropriados para o início da vivência, com a utilização de tinta branca, pincel, lápis preto, lápis de cera, cola branca, raspas de lápis etc. Essa vivência foi iniciada com música de fundo para fruição da pintura da superfície especificamente preparada para os feitos do desenho e anotação de seus nomes, marcando cada artefato. Após a secagem das peças, que levaram cerca de (um) dia, as crianças receberam seus artefatos cerâmicos marcados previamente e após um diálogo inicial sobre a memória da leitura do livro Para olhar e olhar de Novo, da autora Eliana Pougy, (2005), deu-se a produção artística. Foi informado, que os desenhos das crianças seriam expostos em uma exposição artística, para

motivá-las a valorizarem e cuidarem com carinho, dos grafismos criados por suas inteligências sensíveis.

Ao final da oficina, os desenhos foram analisados à luz do autobiografismo, procurando sentir o envolvimento, a expressividade, a fruição e reflexão crítica sobre suas produções, como um processo aqui considerado importante de suas experiências estéticas, que ajudaram no desenvolvimento da autonomia e evolução do protagonismo, como chave fundamental para a formação de seres críticos e reflexivos, cidadãos de um mundo melhor.

Esse conhecimento artístico importou a aprendizagem da Arte não somente no despertar da sensibilidade das crianças, para mover o seu pertencimento e o protagonismo, fator essencial para descobrir-se, considerando os objetos artísticos, os artistas cearenses, os sentidos corpóreos apreendidos.

Dessa forma, para contribuir no conhecimento, no tocante a expressão e o reconhecimento do desenho, como práticas artísticas integradas, que movem a aprendizagem e a reflexão cognitiva da criança, fortalecemos a comunicação da Arte, revelando o reconhecimento e divulgação dos elementos basilares das artes visuais, como: ponto, linha, cor, forma e outros materiais sustentáveis como a argila, a cerâmica, que foram experienciados, cultivando a percepção do imaginário e da autonomia infantil.

A identidade e as marcas do protagonismo, nas formas e falas de si, foram expressas nas diferentes composições visuais dos educandos. Podendo dizer que esse reconhecimento de si, não se refere ao ego, mas concebe apropriar-se de ideias, como determinação individual mesmo sendo coletivo, constitui-se concomitante com a criatividade social, conforme as palavras de Delory- Momberger (2017, p, 160), relata:

[...] Esses espaços biográficos não são, ntretanto criações espontâneas nascidas unicamente da iniciativa individual: trazem a marca de sua inscrição histórica e cultural e têm origem nos modelos de figuração narrativa e nas formas de relação do indivíduo consigo mesmo e com a coletividade, elaborados pelas sociedades nas quais se inscrevem.

Neste sentido o estímulo da leitura do livro contribui na elaboração das narrativas gráficas, de sensações e apreciações, favorecendo a imaginação e a identidade, realçando a representação da narrativa, nos artefatos. Assim compreendemos a arte do desenho como uma habilidade natural do homem, como forma de desenvolver a percepção e a imaginação criadora de novas sensações e alternativas, tão imprescindíveis para captar a realidade e transformá-la, quanto para ressignificar e dar sentido às suas experiências culturais, vividas. Ao contracenar com os saberes sobre o mundo, intencionalmente simbolizados por meio de

desenhos e de suas subjetividades, as crianças expressaram o desenvolvimento da sua sensibilidade e da autonomia, melhorando a questão da autoformação, concentração e criatividade artística.

Finalizamos este tópico, desvendando a relação da criança com sua autonomia e protagonismo, revelando a importância da aprendizagem da arte e da capacidade reflexiva das crianças, concretizando a importância da operacionalização que a oficina do desenho proporcionou, devolvendo grande significado ao desenvolvimento das habilidades artísticas das crianças, conforme veremos no próximo ponto.

2.1 O potencial do desenho como força reveladora da autonomia da criança

Percebendo a aprendizagem nas revelações das crianças, partimos do princípio de que o ensino da Arte contextualizado, também selecionou outros saberes já construídos e ampliou os sentidos, ao identificar-se com a literatura, os objetos e os artefatos. Neste processo, percebemos sinais de desenvolvimento da sensibilidade artística, que formaram a experiência narrativa e imaginária das riquezas visuais das crianças, comunicou a relevância de se construir a aprendizagem com a prática da Arte, associando a releitura por meio do desenho espontâneo. Valorizamos esta relação e ela possui ligação integral nesta pesquisa, em razão disso legitimamos o percurso e ensino das artes no campo da educação.

Arthur Efland, (2004) revela que, “a imaginação é uma atividade superior bem estruturada de desenvolvimento cognitivo.” Nessa relação, o autor comenta que, “ao utilizar-se dos símbolos imaginativos, as experiências das narrativas são tratadas como recursos superiores que usam a subjetividade das Artes, como uma maneira de expressar algo, que não pode ser expressado em palavras, ao conectar o momento de produção criativa.” Entendendo os conceitos de abordagens sobre o desenho e assim como a teoria de Efland (*op. cit.*), também contribui em nossos estudos, na relação dialógica com a abordagem autobiográfica, confirmando com a aprendizagem expressiva e o protagonismo das crianças, nas dimensões potentes da imaginação, as narrativas de si, a interpretação e visibilidade das interações com o mundo.

A Arte do desenho aqui experienciada, concorreu dentro do currículo escolar, como alicerce para a formação e aprendizagem no despertar de habilidades, como forma de contribuir no processo de autoconhecimento dos educandos partícipes desta investigação. Consideramos a expressão da linguagem e da experiência, por meio de ações interdisciplinares, das relações de representação que as crianças estabelecem com o mundo.

Nessa conexão da arte no experimento com crianças, que foi realizada em um suporte aparentemente estranho ao universo infantil - o cerâmico -, revelou sua contribuição para o desenvolvimento do protagonismo por meio de releituras de histórias infantis e isso foi o cerne desta pesquisa.

No panorama cultural, nos valem de um desafio materializado em forma de oficina inédita, que convocou às crianças do terceiro ano das séries iniciais do Ensino Fundamental I, da Escola Municipal Irmã Simas, no município de Fortaleza. Concentramos nossos esforços e expomos nossas percepções e experiências, sobre a formação da autonomia, alinhada ao seu desenvolvimento cognitivo, sensível e relacional, potencializando a sensibilidade artística das crianças, na criação de um método arte educativo, que enaltece a missão de todos professores e arte educadores.

Dessa forma, reiteramos o que Souza e Lima (2021) relatam sobre as experiências artísticas na escola:

Portanto, é imperativo que esse início nas experiências artísticas seja significativo. [...] A arte pode proporcionar não só a oportunidade de desenvolvimento em muitas áreas vitais, mas, também o ensejo de a criança investigar, inventar, explorar, cometer erros, sentir medo e aversão, amor e júbilo. Por fim, e isto é essencial, a criança deve ter, por si mesma, todas essas experiências da vida, como entidade.

Nesse aspecto, conforme o ensejo de investigação da autonomia e criticidade por meio do desenho infantil, avançamos no processo favorável a prática da arte, entendendo que por mais que as crianças tenham assimilado a história do conto, na reflexão e operacionalização da oficina, revelaram elementos do mundo real na dimensão figurativa, também tiveram a oportunidade de aguçar áreas vitais da memória cognitiva, representando-as em seus desenhos, a partir do “ponto e da linha” entrelaçando suas vivências sócio culturais.

Esse processo de percepção dos sentidos a partir da apreciação do imaginário infantil vivenciado na Escola, só foi possível a partir da utilização das narrativas gráficas como a linguagem do desenho feitas pelas crianças, sendo essa experiência significativa, pelo auxílio do incomum contato com a argila e a cerâmica. No sentido relacional e afetivo, organizamos uma produção de experiências também sensoriais, que não se encerram apenas na dimensão cognitiva. Foi preciso ir além. Segundo Medeiros (2020, p. 108):

Desenvolvemos formas de educação que envolvem a simbolização racional e lógica, mas temos falhado na educação estética dos nossos sentidos e sentimentos. Sem trabalharmos nossos sentimentos, a simbolização, ou melhor, a nossa mediação com o mundo, será sempre rasteira e superficial.

O que Medeiros (2020) nos coloca é a necessidade de se trabalhar a cognição-sensibilidade, tornando as crianças mais autônomas e protagonistas de suas histórias, sendo possível propiciar momentos pertinentes, que elas estabeleceram mediação com as coisas do mundo de uma forma integralizadora, ou melhor, quando adquirimos o equilíbrio entre consciência motora, racional e estética, a arte explode de forma criativa em nossas mentes.

Os elementos teórico-práticos que trabalhamos nesta pesquisa, levaram em consideração um processo de aprendizagem motivador, que valorizou a análise das narrativas visuais construídas pelas crianças, a partir da reflexão literária do livro *Para olhar e olhar de Novo*, da autora Eliana Pougy (2005). Fizemos perguntas e descobrimos respostas do tipo: como as crianças criaram visualmente após ouvirem a história contada pela arte-educadora? Como foi o desafio de se elaborar desenhos em um suporte não-bidimensional? Como foi esse processo de socialização e partilha dessas produções sensíveis, e por que não dizer, artísticas, com as outras crianças e os docentes da escola? Nossos anseios eram de que essa experiência com o desenho pudesse fazer explodir um universo de possibilidades imaginativas, artísticas e inventivas, capazes de também despertar a dimensão socioafetiva das crianças, além de instigar suas curiosidades na descoberta de novos temas e linguagens dentro do universo das Arte Visuais.

Dessa forma, o desenho no artefato cerâmico acabou sendo o meio, para que as crianças vivenciassem experiências valorizando a aprendizagem artística, permitindo o eclodir da sensibilidade, de modo que elas se tornassem protagonistas de suas próprias vivências naquele momento. Essa prática com a cerâmica foi organizada em nossa pesquisa, levando-se em consideração o famoso Eixo da Produção da AT de Barbosa (2010), em que as crianças produziram seus desenhos, relacionando-os às diferentes dimensões de suas vidas sociais e culturais, em conformidade com as reflexões sobre o conto e as estratégias didaticopedagógicas que definimos e que também estavam alinhadas à ideia de desenvolvimento das habilidades em Artes, previstas na Base Nacional Comum Curricular. Vale ressaltar que:

No Ensino Fundamental, o componente curricular Arte está centrado nas seguintes linguagens: Artes visuais, a dança, a música e o Teatro. Essas linguagens articulam saberes referentes à produtos e fenômenos artísticos e envolvem as práticas de criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refletir sobre formas artísticas. A sensibilidade, a intuição, o pensamento, as emoções e as subjetividades se manifestam como formas de expressão no processo de aprendizagem da Arte (Brasil, 2017, p. 195).

Como se leu na citação acima, o contato com processos de aprendizagem em arte permite que possamos desenvolver nossa sensibilidade e carga expressiva, de maneira que fique mais palatável a nossa relação com um mundo deveras complexo.

Pensando sobre isso, Passeggi (2014) revela que a criança, logicamente atentando para seu processo de desenvolvimento e para sua forma particular de representar e significar o mundo, é sim capaz de refletir sobre seu mundo, como também de empenhar um processo (auto)biográfico bastante rico e significativo de entendimento de si e das coisas que a cerca. Por consequência, ela revela:

A ação de narrar e de refletir sobre as experiências vividas, ou em devir, permite dar sentidos ao que aconteceu, ao que está acontecendo, ao que pode mudar ou permanecer inalterável, mas também ao que poderia ter acontecido e por quais razões. Todas essas opções de temporalidade devem ser consideradas como possibilidades abertas, o que revela ao mesmo tempo a complexidade da narração e seu poder de auto(trans)formação (Passeggi 2021, p. 93-113).

Apropriando dessa reflexão, atribui-se os sentidos, na compreensão do protagonismo das crianças, da narrativa por meio dos símbolos criativos, que organizaram os fatos aos modos individuais de pensar e agir, conferidos na atuação coletiva, feitos que contribuíram no envolvimento da concentração e no reconhecimento de si, determinando a prática, como uma experiência transformadora e enriquecedora da criação infantil.

Ainda sobre o desenho, a Arte-Educadora e doutora em educação, professora Luciane Germano Goldberg (2021) nos diz que “o desenho apresenta como um elemento importante, como uma forma mais livre e lúdica de “contar” e organizar os fatos vividos, de expressar e comunicar seus mundos de vida” (Goldberg, p.52). Esse era o nosso anseio maior: identificar nesses desenhos, pistas reflexivas e sentimentos diversos que nos dessem uma dimensão de quem realmente eram aquelas crianças que sempre estavam ali em sala de aula. Era uma oportunidade incrível de descoberta sensível à respeito do outro.

Goldberg (2017, p.70) também cita sobre a apropriação da linguagem da criança, como desdobramento do processo reflexivo. Ela corrobora a citação de Passeggi (2021, p. 93), afirmando que: “[...] É pela apropriação da linguagem que a criança se dota da possibilidade de se desdobrar como objeto de reflexão, como espectador e espetáculo, como pensador e objeto pensado”

Quando a autora afirma que a criança - pelo grafismo - se coloca como criador e criatura, há no desenho a possibilidade de se inferir algumas experiências de protagonismo e autonomia e esse tornou-se também uma expectativa a ser alcançada com a investigação. Ao

referir-se sobre o desenho como privilégio da Educação escolar, Goldberg comenta, “em linhas gerais que o desenho é um meio privilegiado para tal, constituindo-se numa importante via de acesso dessas crianças às suas próprias histórias, ao seu “eu”, ajudando na figuração de si. (Goldberg,2017, p.158).

Assim, o desenho representou neste estudo, as ações intuitivas, inventivas das crianças, a partir da experiência do pós-conto, ou melhor, depois da contação de histórias do livro proposto na atuação de nossa práxis, que despertou a criação de universos de fantasia alicerçado nas vivências, contextos e territórios particulares das crianças. Foi maravilhoso perceber a elaboração dos significados expressos de forma espontânea, percebendo-se especialistas de maneira positiva, exercendo seu papel de observadores em ação, conseguindo relacionar, suas construções abstratas de uma forma sensível, percebidas pela ação do lápis no deslizar das linhas, guiadas por sua imaginação. A autora Edith Derdyk (1994), nos revela que a linguagem do desenho traz uma visão especializada, mas que existem outras formas de se construir o desenho, sendo possível mencionar interesses sociais diversos: “Dessa forma o desenho participa do projeto social, representa os interesses da comunidade inventando formas de produção e de consumo” (Derdyk, 1994, p. 37). Derdyk nos mostra, o verdadeiro sentido do desenho em busca da organização da sociedade em suas diversas possibilidades, e articulamos esses conhecimentos, como forma de interação crítica. Além de promover um sentido social, a utilização do desenho molda-se como atividade perceptiva:

O desenho acompanha a rapidez do pensamento, responde às urgências expressivas: o desenho feito às pressas para indicar o melhor caminho, a sequência de desenhos em busca da melhor solução para tal encaixe de madeira, o desenho para afirmar simplesmente uma necessidade existencial, poética e estética. O desenho possui natureza aberta e processual (Derdyk, 1994, p.42).

A referência que o desenho é um índice de nós mesmos, reforça a ideia de interesse da criança quando desenha, expressando motivação de suas necessidades na relação com o mundo, simbolizada na atividade lúdica, podendo facilitar a manifestação de sua socialização e dos significados da própria existência. Sobre socialização e relação com as coisas, Paulo Freire (2011, p.113) assegura que “Não há homens sem mundo, sem realidade, que o movimento parte das relações homens-mundo.” Para que haja a compreensão do diálogo, Freire nos adverte sobre a necessidade do respeito na relação de construção do conhecimento, como forma de transformação do indivíduo, como um ser singular e social, carregado de saberes e fazeres, decorrentes de valores adquiridos no seu meio social:

Há algo ainda de real importância a ser discutido na reflexão sobre a recusa ou ao respeito à leitura de mundo do educando por parte do educador. A leitura de mundo revela, evidentemente, a inteligência do mundo que vem cultural e socialmente se constituindo. Revela também o ramalho individual de cada sujeito no próprio processo de assimilação da inteligência do mundo. Uma das tarefas essenciais da escola, como centro da produção sistemática de conhecimento, é trabalhar criticamente a inteligibilidade das coisas e dos fatos e sua unicabilidade. É imprescindível portanto que a escola institua constantemente a curiosidade do educando em vez de "amaciá-la" ou "domesticá-la" (Freire, 2011, p.63).

Freire (2011) expõe a necessidade e a urgência que a escola precisa enfrentar, na preparação dos discentes para que sejam cidadãos críticos, curiosos, sedentos em apreender e compreender o mundo em sua volta. Não é por meios tradicionais de aulas de artes, que mais amaciam e domesticam nossos discentes, que vamos torná-los protagonistas de suas histórias de vida, pelo contrário, é na inventividade, ousadia e experimentação das linguagens artísticas, que nossos discentes poderão ser livres para criar e se expressarem, após terem conhecido modalidades artísticas, técnicas, regras compositivas e contextos culturais em que esses saberes se constituíram.

Neste sentido, concordamos com Duarte Jr. (1981), ao revelar que “a questão não é incluir a Arte na educação. A questão é repensar a educação sob a perspectiva da Arte. Educação como atividade estética”. (p.10). Desta interação, eminentemente pode-se partir da pulsão, do ritmo, e da intensidade verdadeira, que revela o compromisso de educar, como um ato perceptivo e coerente na representação pedagógica, das inúmeras intervenções que a arte pode propiciar e favorecer ao protagonismo, diferente de ser mais uma função em si mesma, empregada nas convenções da escola. A rigor, nas atividades manifestas das emoções, cada criança interage e expressa os vínculos afetivos de forma diferente da outra, contribuindo para análise no desenvolvimento da participação criativa do enredo desenhado, evidenciando que a partilha dos contos, pode agregar novos conceitos na sua história, abrindo espaços entre a sensibilidade da arte e da escrita autobiográfica na busca da reconstrução de sua história de vida. Derdyk (1994, p.118) esclarece que: “O ato de desenhar envolve um raciocínio que liga aquilo que se acaba de aprender com o conhecimento já adquirido, de tal modo que, dessa forma, aprendemos o que antes era desconhecido.”

Através das vivências culturais das crianças, torna-se possível reproduzir os fatos, gerando novos repertórios, como forma de transformação de si mesmo, assimilando o que antes não conheciam. Na comunidade escolar, os saberes experienciados por meio da criação, se não forem bem aproveitados nos interesses das crianças, tornam-se vazios, conforme podemos confirmar as concepções estéticas de Derdyk, que reitera “o conhecimento adquirido

sem apropriação existencial, vazio de conteúdo vivido, torna-se vazio de repertório gráfico”(Derdyk,1994, p.127).

O método autobiográfico reivindica e auxilia na esfera educativa, como forma de compreensão e valorização das experiências vividas na interação com o novo, não como pretensão da elucidação teoricamente científica, mas como a produção de verdades por meio da coleta de dados, que auxiliam a prática na ação do diálogo, para melhorar o desenvolvimento cognitivo, socioafetivo e cultural, a partir da realidade vivida de cada criança.

Através das etapas das experiências autobiográficas dos desenhos elaborados pelas crianças, constituiu-se a valorização das imagens, em relação à criatividade inventiva das crianças. As narrativas e expressões estéticas desenvolvidas, foram aos poucos conceituando a identidade visual de cada ilustração, intensificando as apreciações dos elementos próprios.

Dessa forma, fizemos a conexão com a proposição metodológica da AT de Barbosa (2010), a qual foi possível conferir de forma poética, o que narramos anteriormente, sobre as construções simbólicas que integraram todo o processo de desenvolvimentos dos desenhos em suporte cerâmico.

Consideramos também o fato de que algumas crianças, por sua vez, têm diversas dificuldades de expressar-se oralmente, configurando o desenho como instrumento de comunicação eficaz, no desenvolvimento da autoestima, da afetividade e da reflexividade. As atividades lúdicas propiciam aberturas de frestas no imaginário, ao interagirem com momentos de formação artística, cultural e exploração do desenho. Os educandos agiram com autonomia, a partir do primeiro contato com materiais tão diferentes dos quais as crianças estavam acostumadas, que a fruição da sensibilidade as motivou a realização de proposições de releituras na conjunção e manejo dos objetos bidimensionais cerâmicos.

Nesse sentido, Kerry Freedman, 2010 cita em seu artigo na coletânea organizada por Barbosa, (2010) que o aluno deve ser estimulado a observar obras artísticas, como suporte de construção da releitura expressiva, mas a escolha de maneira espontânea. Barbosa (2010, 144) destaca que:

Quando o aluno observa obras de arte e é estimulado e não obrigado a escolher uma delas como suporte de seu trabalho plástico a sua expressão individual se realiza da mesma maneira que se organiza quando o suporte estimulador é a paisagem que ele vê ou a cadeira de seu quarto.

Nessa relação, o suporte estimulador usado para criação das releituras, foi o conto onde pudemos conferir o domínio, a autonomia e a espontaneidade, despertando as subjetividades e emoções, na vivência protagonista da Arte.

Dessa forma, apresentamos o contexto da vivência pedagógica, inserido na biblioteca, para operacionalização das linguagens visuais. Vinculamos às imagens do “Caminho da história do desenho”, conferindo as ilustrações, de como eram feitos os escritos das paredes em cavernas e as marcas dos objetos cerâmicos mais antigos, de acordo com as figuras 01 e 02, mostradas a seguir:

Figura 01 - Caminho da história do desenho



arquivo pessoal - 2023

Figura 02 - Marcas e escritos das cavernas



arquivo pessoal - 2023

Dessa forma, promovemos uma discussão sobre o caminho histórico das formas, do ponto e da linha, mostrando sua natureza representativa como um passeio poético de ondas de caminhos articulados em diversas direções. “A linha bem como o ponto, a cor, a luz, o volume, a textura, é um dos elementos que compõem a linguagem gráfica”. Sobre isso, é interessante e nos põe a refletir, o que diz Derdyk (1994) sobre o conceito do elemento linha, na perspectiva da Missão Francesa no Brasil:

A linha é geralmente entendida como contorno, elemento configurador subordinado à forma. Neste sentido, somos herdeiros dos mestres da Missão Francesa que veio ao Brasil introduzindo um conceito de desenho que rapidamente se tornou o conceito oficial, veiculado dentro das instituições educacionais da época. (Derdyk, 1994 p. 33).

Apesar de encontrarmos pequenas marcas deste conceito atualmente, ainda corroboramos com Derdyk, dizendo que “a apropriação inadequada deste conceito determinou as vertentes do ensino artístico”. Mesmo assim optamos pela construção e desconstrução dessas vertentes, colaborando com a mensagem que nos propõe a arte contemporânea e como o desenho pode ser visto e praticado hoje.

Em seguida a essas observações, dispusemos os objetos cerâmicos bidimensionais e tridimensionais para percepção estética e identificação sobre o que é o material cerâmico atual, conhecido como “vaso de barro”, considerando os períodos de espaço e tempo ao longo dos anos na sucessão de semelhanças e diferenças, de como as coisas eram feitas e para que serviam, conforme as figuras 03 e 04 apresentadas a seguir:

Figura 03 - Objetos bidimensionais e vasos tridimensionais



Fonte: arquivo pessoal - 2023

Figura 04 - Objetos cerâmicos e pote de barro



Fonte: arquivo pessoal - 2023

Esses momentos foram organizados para apropriação cultural dos significados e relações das curiosidades mais distantes do presente, na vida das crianças participantes, vivenciados pelo viés da contextualização histórica, trabalhada em sala de aula e da importância de se perceber formas, por meio do ponto e da linha, como elemento da gramática do desenho, sem excluir o objetivo lúdico e artístico dessa linguagem milenar.

Logo após, apresentamos aos discentes o livro infantil “Para olhar e olhar de novo”, da autora Eliana Pougy, que nos trouxe motivação para a aprendizagem da arte do desenho de maneira contemporânea, ou seja, espontânea e sem amarras a técnicas, estruturas ou modelos gráficos a serem seguidos ou imitados, conforme tão bem observado e criticado por Derdyk (1994). Me apresentei com vestimentas de cores fortes e impactantes, boina e lápis preto na mão, para aguçar a criatividade e atenção da narração do conto, na tentativa imersiva de fisgá-los e instigá-los a imaginar, a partir do que sentiam, viam e ouviam. consideramos uma atividade inserida no campo da arte, diferenciada e atípica, mas articulada na sinergia da fantasia infantil, importante do ponto de vista individual e coletivo, levando em consideração o poder de formação das narrativas gráficas, apontando que a Arte na escola, transforma e articula conhecimentos curriculares, estéticos e sociais, contribuindo no processo e desdobramento autobiográfico das crianças, importando o sentimento expresso no momento

atual, fazendo alusão às palavras de Passeggi, “Por outro lado, importa que a história termine no presente – no aqui e no agora – fazendo coincidir protagonista, narrador e autor que se trate de um ponto final na história escrita, ou um sinal, na oralidade, que a história terminou: “Foi assim que aconteceu!”

Conforme demonstra a narrativa do conto, a atenção e concentração das crianças nas figuras 05, e 06, que retratam a literatura utilizada.

Figura 05 - Narração do Conto motivador da arte



Fonte: arquivo pessoal - 2023

Figura 06 – Livro Paradidático



Fonte: arquivo pessoal

2023

A leitura do conto foi um sucesso, tanto que eu pude perceber que essa atividade proporcionou a expansão dos significados sobre os elementos fundamentais que existem e são usados no desenho, como as noções de ponto, linha, reta, plano, cores, direção dessas linhas, criação de formas regulares e irregulares, combinações cromáticas, ritmo e a intensidade, enfim, as percepções que poderiam surgir, de acordo com as preferências da criança ilustradora, assim como as escolhas que elas poderiam fazer em suas produções criativas, na utilização de pinceis, lápis preto e de cores e os lápis de cera que dispusemos em sala.

Em um segundo momento, como proposição de fruição artística e também de percepção sobre a manufatura dos produtos artesanais feitos na “olaria”, as crianças fizeram alusões à aula de campo, onde vivenciaram momentos de interdisciplinaridade. Essa interdisciplinaridade está calcada na promoção e articulação dos conhecimentos e das noções sobre a preparação do barro e a construção das atividades no cotidiano de uma olaria, que pudemos propiciar. As crianças ficaram encantadas com esse momento de fruição e lá puderam experimentar a argila, além de conferirem os recursos utilizados na produção dos bens de consumo feitos com esse tipo de material, ficando admiradas com os “fornos” gigantes para aquecimento dos diversos modelos de artefatos feitos com argila.

Posteriormente a essa vivência, perguntei quem já conhecia uma olaria e somente um aluno respondeu que sim. Essa resposta não me surpreendeu, dada a evidente carência financeira dos nossos discentes, o qual nunca foram oportunizados anteriormente, momentos de visita a lugares culturalmente representativos das artes visuais como: galerias, museus e até mesmo, uma olaria. O trabalho extraclasse foi composto para enriquecimento cultural e discussão dos conhecimentos prévios de nossas crianças. Infelizmente, não contamos com a adesão da gestão escolar, fazendo acontecer de maneira corriqueira esse tipo de passeio cultural em nossa escola, tampouco incentivando nossas ações educacionais, por falta de transporte. Deste modo, pensei em compensar tais lacunas convocando a professora da sala Jane Dantas, para juntas solucionarmos o impasse do deslocamento e da falta de incentivo. Por livre vontade, ousei levá-los em meu carro, junto com a ajuda da professora da sala, para também dividirmos as crianças no seu automóvel. Esses momentos proporcionaram uma experiência única sobre o protagonismo das crianças no tocante às emoções, como fortalecimento da narrativa adquirida, que corroboram com os estudos de Goldberg (2021), quando cita Larrosa (2002) sobre “o que é a experiência”:

[...] a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. [...] assim a experiência estaria diretamente ligada à educação quando pensamos que ela proporciona a formação e a transformação, pois ela é adquirida a partir das nossas respostas àquilo que nos acontece, imprimindo sentidos e significados aos acontecimentos, portanto “o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal”. (Larrosa, 2002 *apud* Goldberg, 2021, p.60).

Nas figuras 07 e 08 a seguir, podemos verificar a satisfação e a curiosidade das crianças, na aula de campo:

Figura 07 - Pátio da olaria



Fonte: arquivo pessoal - 2023

Figura 08 - Olaria



Fonte: arquivo pessoal - 2023

Nesse sentido, a experiência agregou conceitos discutidos, sobre a importância de cada processo para composição de criação das peças cerâmicas em uma “olaria” e outras questões que favoreceram o diálogo e a curiosidade, contribuindo com o ensino e a aprendizagem reflexiva.

Por meio da curiosidade, tentamos despertar os sentidos do fazer artístico, da preparação do espaço em que fariam os desenhos nos artefatos cerâmicos, explicando que não seria como geralmente se utilizam os pratos para alimentação, mas ao contrário para comparação da representação dos símbolos da contemporaneidade, das questões da construção de imagens criativas, que poderiam ser desenhadas partindo dos elementos formais expressos no livro paradidático, como: contorno da linha, ritmo, cores, texturas e símbolos de suas preferências. Definimos que, o que nos interessava era apropriação dos elementos visuais, a partir do “ponto” personagem protagonista da literatura utilizada, para potencialização das impressões criativas do desenho, de acordo com as adaptações do repertório visual das experiências vividas e como reflexão sobre a releitura do conto. Essa experiência marcou de maneira significativa a memória afetiva, evidenciando as subjetividades emocionais e sensoriais das crianças. Permitiu aproximação entre os dados de estudos de Goldberg (2021), Vygotsky (2018) e Larrosa (2002) para compreender que as crianças expressam suas emoções relacionadas às adaptações das experiências vivenciadas, pelo viés da sensibilização e identificação com o desenho e outras habilidades que acabam surgindo em atividades como a que propomos para elas.

No terceiro momento triangular, considerado como a fase da produção, segundo Barbosa (2010) “é assim, um ponto de partida, e principalmente uma espécie de bússola e não uma bula, o que faz a diferença”. Após essa vivência na olaria, tínhamos então uma bússola, um norte a ser explorado, por isso, demos continuidade ao ensino e demonstração dos materiais que deveriam ser usados para apreciação dos artefatos cerâmicos e início do processo criativo prático e produtivo com as crianças, no espaço da Biblioteca Monteiro Lobato da E.M. Irmã Simas.

As crianças receberam então os artefatos de barro, tinta branca e pincel. O objetivo foi preparar a pintura dos artefatos, para criar uma melhor aparência, com o intuito de se ter uma base para receber os desenhos. Esse processo durou o período da aula, cerca de cinquenta minutos, conforme combinado com a professora de sala, Jane Dantas. De acordo com o cronograma após a secagem, foram entregues os artefatos cerâmicos pintados de branco, onde puderam fazer as impressões estéticas a lápis, de forma espontânea, a partir de suas memórias

e preferências na construção reflexiva de suas releituras das vivências experienciadas e do livro de Eliana Pougy.

Sobre o ensino da Arte, seguindo a compreensão do artigo de Everson Silva e Clarissa Araújo (2010), revelam que:

Atualmente, no Brasil, a abordagem mais contemporânea da Arte/ Educação está relacionada ao desenvolvimento cognitivo, que, segundo Barbosa (2005), vem se impondo cada vez mais entre os Arte/Educadores brasileiros. Essa compreensão nos impõe pensar de maneira diferente o Ensino da Arte na educação escolar, provocando o deslocamento das nossas preocupações relacionadas à questão de “como se ensina Arte” para “como se aprende Arte”. (Silva, Araújo, 2010, p. 165).

Foi dentro desse pressuposto que encontramos a conexão com o desenho autobiográfico, emergindo da Abordagem Triangular como orientação metodológica, sobre as expressões simbólicas das falas de si, advindas dos contextos culturais dos educandos que participaram da formação proposta nesta pesquisa. A compreensão que devemos ter sobre a releitura do conto, é a de que ela tratou especificamente das apropriações consideradas como elementos significadores do desenho, abrindo espaço para possíveis analogias na dimensão educativa e formativa das crianças. Barbosa (2010, p. 197) revela que, na Arte contemporânea, a leitura e apreciação é reconhecida hoje como um dos modos de se construir conhecimentos em Arte.

Assim, após a realização da leitura do conto, as crianças puderam pensar em como criar suas representações gráficas, em relação ao que ouviram, sentiram e imaginaram.

A relação entre a narrativa do conto infantil e a arte do desenho tem grande potencial investigativo, haja vista o texto literário ser circunstancialmente a história do “ponto” que se voltou para o público infantil e nas interfaces, apresenta-se acompanhado de belos trabalhos artísticos que o ilustram. Portanto, essa é uma relação potente, que só contribuiu para o desenvolvimento inteligível e sensível das crianças, quando estas foram estimuladas a ter contato precoce com o universo das artes.

Trazer contos ou livros apropriados, para que o público infantil pudesse soltar a imaginação, a criatividade sobre aquilo que leu ou ouviu, foi de suma importância não só nos processos que envolveram o ensino e o desenvolvimento de diferentes habilidades, como também na formação da autonomia e contribuição no protagonismo da criança, para o enfrentamento da vida em sociedade.

A releitura entrou como ponto de partida para que as crianças pudessem se apropriar dos elementos formais explicados sobre a linguagem do desenho, onde puderam fazer as

relações com o tema do conto “Para olhar e olhar de novo” de Eliana Pougy (2005), que assim como as belas imagens, traz em seu bojo a poética de uma obra de arte. Trata-se de uma história criada pela autora que adora crianças e quando ela era professora teve a oportunidade de trabalhar com formação de professores em arte. Para ela, as crianças gostaram tanto que ela resolveu deixar escrito para muita gente. Em suas palavras “e, agora, ela virou um livro feito para olhar e olhar de novo! Uma obra de arte” (Pougy, 2005, p.56).

Diante do contexto em que a criança se encontra inserida socialmente, contracenando com o ambiente escolar, os significados do conto apreciado no desenho gráfico infantil, constituiu-se como incentivo e apropriação da construção de outras imagens, dos sentimentos que revelam o mundo ao redor, a TV, os filmes, o passeio da aula de campo, enfim tudo aquilo que ficou marcado na retina, na memória visual e cultural delas.

Embora ainda encontremos diversidades de opiniões e contrastes na linguagem dos professores no Ensino e Aprendizagem da Arte, sobre os padrões incorporados e as dificuldades com recursos para o trabalho de produção artística, compreendemos que ainda assim, nossas proposições almejam instigar novas pesquisas no campo das artes visuais, como alternativa e estudo fundamental para o desenvolvimento da aprendizagem da arte, favorável a autonomia da criança, em relação a sua capacidade de imaginar, criar e abstrair, quando em contato com as artes visuais.

Dessa forma, incentivamos as crianças a explorarem seus lados artísticos, a partir da relação dialógica com a leitura do conto de Pougy (2005), que nos revelou esquemas metafóricos, comuns da abstração infantil, de acordo com a compreensão do artigo de Artur D. Efland (2010) revela:

As metáforas estabelecem conexões entre objetos e eventos aparentemente não relacionados; são encontradas em todos os campos de estudo, inclusive em arte. A projeção metafórica é o meio pelo qual o pensamento abstrato aparece. Isso é importante porque explica como o pensamento abstrato, na cognição humana, pode emergir de experiências corpóreas e sensoriais”. Barbosa, *apud* Efland, 2010. p. 336).

Sobre o método escolhido para se criar um ambiente de aprendizagem das crianças que optamos por meio do desenho, nos valem também do autobiografismo versado por Goldberg (2021). Após a escuta do conto Pougy (2005), a proposta era que esse conto pudesse atravessar os sentidos da arte do desenho, constituindo-se numa formação, heurística, descritiva e crítica, à luz da reflexão protagonizada pelas crianças partícipes. Suas apresentações, de forma dinâmica, favoreceram o aparecimento do desenho figurativo das

falas de si, das suas visões internas e emocionais, de suas preferências e habilidades artísticas em descoberta e desenvolvimento.

O autobiografismo de crianças consiste na narração, por elas, de suas histórias de vida, abordando suas experiências, sentimentos, memória e vivências de forma oral ou escrita. Essa atividade ajuda no desenvolvimento das habilidades de linguagem e escrita, além de promover a autoexpressão, o autoconhecimento o desenvolvimento da autonomia e da autoestima, acarretando alguns benefícios como o desenvolvimento da comunicação, visto que, contando suas histórias, as crianças aprendem a organizar e expressar seus pensamentos de maneira clara (Derdyk, 1994).

Outro benefício é o fortalecimento da identidade, pois ao refletir sobre suas experiências, as crianças a compreendem melhor suas identidades e como suas histórias moldam suas vidas. O autobiografismo infantil também ajuda na promoção da empatia, pelo compartilhamento de suas histórias, elas aprendem a valorizar as histórias dos colegas, e a respeitar suas vivências. Entende-se que o incentivo do autobiografismo às ajuda a desenvolver a socialização das crianças, aumentando seus conhecimentos de forma divertida e lúdica (Derdyk, 1994).

A leitura livros paradidáticos e o autobiografismo oferecem experiências distintas e vantagens particulares. O Autobiografismo, em crianças, permite a conexão direta com suas experiências, pensamentos como janela inspiradora e motivadora, aberta para o conhecimento da vida pessoal de cada criança. Além disso, o compartilhamento das suas histórias de vida de pode ser muito mais impactante do que a leitura de uma história fictícia. Por sua vez, a leitura de paradidáticos ajudam a desenvolver habilidades importantes como leitura crítica, pensamento analítico e capacidade de pesquisa, mas as duas modalidades de leitura permitem enriquecer a experiência literária cada qual da sua maneira (Derdyk, 1994).

O autobiografismo manifestado pelas criações desenhadas em suporte cerâmico, contribuíram com o desenvolvimento da autonomia de maneira significativa, no qual puderam expressar verdadeiramente, os estilos individuais, reforçando quem são, como uma necessidade premente de exporem suas reais identidades na vida, no seio social. As reflexões sobre a linguagem do desenho promoveram o envolvimento intenso das crianças e romperam com as formas tradicionais de se desenhar no suporte papel, transferindo o desejo de se experienciar outras possibilidades expressivas e artísticas, revelando a simplicidade dos efeitos da imaginação para o desenvolvimento crítico e autônomo dos educandos das séries iniciais. Por esse prisma, alcançamos nossas pressuposições nas afirmações de Deryk (1994), ao afirmar:

[...] o desenho sugere algumas soluções, exclui outras, indicando uma comunhão entre pensar e um fazer, entre uma intenção e sua realização, entre o sujeito que desenha, o objeto desenhado e a interpretação que se faz e se refaz, incessantemente, do sujeito em relação ao objeto (Derdyk, 1994, p.225).

Isso nos permite acreditar na potência da inteligência emocional infantil, ao agregarmos a experiência estética, como contribuição no desenvolvimento da cultura visual, a partir do ensino e aprendizagem da Arte, articulada ao modo de como esta pesquisa foi realizada, tendo como amostragem uma pequena parte do elenco de crianças, do terceiro ano das séries iniciais da Educação Básica.

2.2 O ato de desenhar é quintal do imaginário

A partir da aproximação com o desenho infantil, como ferramenta propiciadora da poética de identidade e incentivo da Arte, em cada criança ainda existe um mundo mágico, um mundo de sonhos diferentes, verdades e mentiras, que moram em sua imaginação, na fantasia dos filmes, nos campos de futebol, nas revistas e gravuras, nas colagens de álbuns ou ainda nas pinturas de cadernos e até de muros, expressados em sua sensibilidade.

Nesse contexto, o ensino reflexivo das artes visuais, pode impactar sobremaneira no ato educativo, valorizando o processo criativo do desenho na cerâmica, a tempos apreciada, encontrando significados relevantes, em sua apresentação na escola. A cerâmica foi vista como objeto antigo, motivador da curiosidade e atenção infantil, favorável ao ensino da cultura, no interesse e valorização da história da Arte de vários Estados do Nordeste.

Dessa forma, o desenho no suporte cerâmico também valorizou o artesanato e envolveu o processo de interpretação do ensino da Arte, na formação de um elo afetivo, para composição de produções criativas, apontando a relevância de diferentes significados que o ensino da Arte pode agregar na aprendizagem de crianças, manifestadas na prática de novas vivências em sala de aula. Assim, o desenho também pode ser expresso na curiosidade em um suporte, que extrapola as ações de maneira convencional como o papel, ampliando o campo de percepção em outro cenário, integrando um valor as vivências, com o mesmo lápis que é usado no papel, mas apreciado numa superfície diferente, mostrando o mesmo teor pedagógico, na valorização da criação artística em um instrumento plano e gerador da autonomia.

Podemos lembrar que nos primórdios da história da humanidade, a expressão da Arte, se apresentava inicialmente, por meio dos desenhos expressos nas paredes, nas pedras,

em cerâmicas, precedendo a escrita. Se pensarmos no desenho como a representação na vertente histórica existente há séculos, a predominância da estética ligada às cópias do natural, ou do ensino tecnicista ao contrário, temos em nossa proposta a arte contemporânea se apresenta em sua prática de diferentes formas. Mesmo assim, o desenho nunca foi valorizado em seu potencial, mas até hoje é objeto de investigação, como requisito intencionalmente comparativo de estudos que envolvem o futuro, acompanhando a evolução da capacidade criativa dos seres.

Os seres humanos, ao longo da sua história, sempre simbolizaram o mundo, demonstrando seu entendimento sobre ele por meio de pinturas e desenhos, representando suas narrativas, pela linguagem da Arte. Neste contexto, podemos afirmar que no momento contemporâneo, o uso da imagem ganhou amplitude, na esfera da comunicação. Imagem aqui compreendida, como “uma representação de um objeto pelo desenho, pintura, escultura etc.” (Bueno, 2000, p.420).

Nesta linha de raciocínio, a expressão dos símbolos no suporte cerâmico, possibilita contornar caminhos do pensamento infantil, partindo do olhar apreciativo experimentado na releitura dos contos, de maneira diferente do papel. Sendo assim, determinam meios que protagonizam a importância do desenvolvimento da capacidade intérprete do ator infantil, favorecendo a cultura da Arte na escola, como dispositivo da aprendizagem artística, para despertar o prazer de refletir com autonomia, na contribuição das artes visuais.

Tais atividades também podem ser desenvolvidas para a comunidade, abrindo espaços para apreciação da família por meio de exposições, a partir da socialização, da cooperação e da compreensão dos processos, que também podem apresentar-se, como elementos de incentivo à educação financeira, reconhecendo de modo particular outras possibilidades. Essas narrativas, indicam a necessidade de seguirmos em busca de aprimoramentos e suportes para o desenvolvimento de atividades impulsionadoras dessas habilidades artísticas, cativando as crianças, na apresentação da arte.

Dessa forma, é importante analisar, conhecer e resgatar, políticas públicas de promoção, sobretudo na invisibilidade formativa da cultura escolar, como incentivo a extensão do pensamento artístico para que por meio da Arte, possamos transformar pessoas, ideias e conhecimentos. Mesmo assim, ainda podemos perceber lacunas no currículo, de maneira que contribua no desenvolvimento da sensibilidade, contemplando valores e temas pedagógicos, que compõem a formação do ser humano. Assim é notório a abstenção de fatores importantes para o desenvolvimento do trabalho do professor, no qual deveria entregar muito mais se trabalhasse apoiado pela gestão da escola, no incentivo e exploração de meios,

técnicas e recursos, favoráveis ao desenvolvimento de projetos desta categoria. A criação de espaços diversos nas galerias da escola, podem inicialmente ampliar o repertório visual do educando, se considerarmos a experimentação valorizada, na aprendizagem da arte criativa relevante, sendo capaz de fruir, novos repertórios a cada atividade experimentada, bem como apreciar saberes artísticos, a partir da imaginação e das subjetividades do educando.

Conferindo que a Arte do desenho, não tem um único sentido, uma única verdade, um único lugar, mas que abre muitas possibilidades para a criança sentir e falar das suas emoções, de sua história de vida, ressignificando sua leitura de mundo. Retomamos ainda, que a Arte precisa estar ancorada no lúdico e ser inspirada nas emoções das crianças, compartilhando ideias em favor de suas memórias afetos e desafetos, que dão origem às narrativas, como consequência de cada atividade experienciada, quase sempre repleta de valores afetivos, como podemos constatar nas marcas da artísticas do desenho.

Nesse sentido, ressaltam valores culturais contidos na convivência com seus familiares, revelando uma herança cultural importante, para promover atitudes de valor à expressão estética e artística, incluindo a leitura da realidade, como exercício da aprendizagem reflexiva. Assim, o universo lúdico da criança é permeado de memórias afetivas e pode revelar singularidades, por meio da experiência do autobiografismo, na luminosidade dos sonhos, como uma atividade intensa, expressa no domínio de traços, entendendo o processo criativo de seus desenhos. Às narrativas, comumente são expressas na poética da alegria de viver das crianças, despertando a reflexão, ao fazerem a conexão com os significados da realidade, vinculados às imagens que foram apreciadas no livro. Assim despertam a cognição no processo de sua imaginação, facilitando o desenvolvimento e construção da capacidade da autoformação e transformação, na relação de elaboração das releituras, por meio do desenho. Sobre esses argumentos Goldberg (2017, p. 159) explica em sua citação quando diz:

Desenhar configura-se em uma atividade viva, intensa e mobilizadora de diversos potenciais e habilidades mentais, motoras, cognitivas e afetivas que ultrapassam as margens do papel. E, ao mesmo tempo, tudo é provisório, porque em permanente transformação, em cada desenho uma cena, um flash, um frame de vida que ficou ali gravado e que incorpora uma série de leituras e interpretações possíveis.

Para Goldberg (2017) tudo o que a criança expressa em seus desenhos, como motivação, coragem, autoconfiança, trauma e até o choro ou a frustração, revelam nas figuras e símbolos a relação com o mundo, simbolizando uma forma poética de emancipação e autonomia de forma intensa. Considero que algumas dificuldades de expressão das crianças,

podem ser caracterizadas como estereótipos adquiridos pela prática da narrativa, de pais desinformados culturalmente, que comunicam seus atos, demonstrando avidez e impaciência aos filhos e posteriormente a nós professores. Para tanto basta perguntar, viajar um pouquinho em suas histórias transitórias, que na maioria traduzem tristezas. Independentemente de qualquer expressão, ou do grau de consciência das ações sofridas, quase sempre são expressas em atitudes singulares e externadas em seus desenhos. Mostrando também suas inseguranças, seus enfrentamentos e assujeitamentos familiares, desde ainda muito cedo, trazendo-nos seu abraço afetivo, extremamente necessário, no qual vivenciamos com elas momentos de angústia, de amor e de dor, muitas vezes confessando a necessidade do apoio da coordenação pedagógica no âmbito escolar.

Contudo esta pesquisa, possibilitou fazer muitas leituras sobre a prática e a natureza artística a ser explorada por meio dos desenhos infantis. Tendo em vista, o domínio das habilidades das crianças, de como se comunicam e organizam a imaginação de maneira simbólica. Podemos constatar que por meio do potencial criativo, revelam emoções em constante movimento, vagueiam nas ideias e sentimentos, numa demonstração do ser social, integrando a essência de cada uma. Derdyk, (1994, p.52) explica que:

O desenho constitui para a criança uma atividade total, englobando o conjunto de suas potencialidades e necessidades. Ao desenhar, a criança expressa a maneira pela qual se sente existir. O desenvolvimento do potencial criativo na criança, seja qual for o tipo de atividade em que ela se expresse, é essencial ao seu ciclo inato de crescimento. Similarmente, as condições para o seu pleno crescimento (emocional, psíquico, físico, cognitivo) não podem ser estáticas.

Neste sentido, as análises das representações visuais, demonstram o potencial criativo, elaborado pelas crianças, serão percorridas neste tópico levando-se em consideração os processos que envolveram o uso da linguagem do desenho, no contexto escolar, pela via do autobiografismo. Consideramos o diálogo cultural entre as experiências dos diferentes contextos sociais na construção de narrativas de histórias de vidas das crianças. A sensibilidade e a razão, foram expressas em suas criações artísticas, a partir de um processo natural de identificação com os contos infantis, o que motivou o ensino e aprendizagem da arte, especificamente no campo das artes visuais. Goldberg (2021, p. 54), coloca que o desenho está repleto de aprendizagens cognitivas, ao afirmar que:

O desenho configura também como um espaço de reflexão sobre o mundo, de registro do fluxo de pensamento, de captura de imagens, objetos, sensações, desejos, impressões [...] portanto um desenho se visto de modo isolado, perde seu valor heurístico, deixa de apontar para descobertas sobre o ato criador.

A tentativa experimental permitiu que a sensibilidade artística, fosse motivada nas crianças, na apropriação do imaginário e de muitos saberes, não só artísticos ao estarem em contato constante com o desenho, mas na participação ativa em toda a vivência. A representação gráfica, foi de suma importância para que canalizassem o que estavam fazendo, além de refletir e pensar sobre o mundo em que vivem, pensar sobre suas atitudes de julgamento, como por exemplo, daqueles que revelam não saber desenhar e se punem por isso, quando não precisaria ser assim.

Todo o processo serviu para deixar claro que o aprender a desenhar é só um dos passos, mas que ao se expressar por esta linguagem, isso é plenamente possível e independe de idade. Também é importante destacar que seus desenhos os levaram a refletir sobre si mesmos, sobre a arte de desenhar, revelando que eles possuem um certo domínio de sua cultura local, de suas comunidades e bairros, fato marcado nas imagens criadas, que expressaram diferentes situações estéticas e emocionais.

Dessa forma, em contraposição de diferentes domínios e formas de ensino técnico, a aula de desenho de maneira engessada e rígida, não retrata os interesses infantis. Naturalmente, encontramos na abordagem autobiográfica a inspiração, para despertar narrativas gráficas, para incentivo da criação e como enlace daquilo que as crianças guardam na memória afetiva e cultural por meio do desenho. A operacionalização da atividade sensibilizou e despertou a confiança que neles foi depositada, tanto que suas criações reverberam em descobertas fascinantes, daquilo que as afetou e impulsionou a imaginação, surpreendendo a todos.

Derdyk (1994), afirma nem toda criança gosta de desenhar e que elas preferem outro tipo de atividade expressiva, conforme: “A estrutura mental e a sensibilidade de cada criança, individualmente, se adapta a esta ou aquela atividade, que atenda a sua urgência expressiva. Mas o ato criativo estará sempre presente, envolvendo um grande potencial operacional e imaginário” (Derdyk, 1994, p.51).

O teste com a cerâmica serviu para despertar a criatividade, conferiu o potencial artístico, do quintal imaginativo e sensível de cada criança que se interessou pelo “novo” com muita curiosidade, para desvendar e desbravar esse material inusitado, despertando sua autonomia e o domínio da aprendizagem direcionada às artes visuais.

Ainda na compreensão das palavras de Goldberg “O desenho é uma forma de narrativa que tem a potência de trazer cores e formas para algo que a escrita e mesmo a oralidade não alcançam”. Apontamos as cores e formas, inseridas nos gráficos visuais das crianças e os

conectamos, partindo do impulso literário do livro paradigmático “Para olhar e olhar de novo,” de Eliana Pougy (2005), reverberou na percepção dos ganhos de autonomia e aprendizagem dos partícipes. Confirmou a sensibilidade, na fala de uma das crianças, como o (Enzo) que participou da vivência e espontaneamente falou: “Eu achei muito diferente desenhar na cerâmica, porque eu só sabia desenhar no papel ou no papelão.” Essa percepção despertou a reflexão e aumentou a capacidade de expressão, tanto na narrativa oral como gráfica, na percepção de Enzo de maneira dinâmica, influenciada pelo objeto de investigação.

Dessa forma, a partir da compreensão de estudos dos autores referenciais e dos objetivos propostos nesta pesquisa, apresentamos os resultados da produção de dados da turma do 3º ano “A” da manhã do Ensino Fundamental I, publicando a curadoria da exposição por mim organizada, como o resultado de troca de saberes experienciais, onde fui ensinando e aprendendo com as plasticidades visuais de releituras autobiográficas dos educandos, que satisfatoriamente os apresentamos como realização de um sonho.

De posse dos artefatos visualmente prontos, conferimos talentos que a propósito, puderam ser verbalizados, como o primeiro contato artístico, em um espaço autêntico e pedagógico, a biblioteca para retratar as expressões estéticas com artefatos de cerâmica, pintados a lápis de cera e de cores. De posse desta beleza suave e poética, os desenhos configuraram como um chamamento de futuros artistas visuais, ressignificando a arte de aprender e se posicionar em relação ao sentido, vivido e assimilado ludicamente.

Em função disso, esta dissertação contém em suas linhas o itinerário processual, tão importante quanto o resultado, que visou ensinar formas de se manifestar visualmente, através da linguagem do desenho em suporte cerâmico. Os aprendentes expressaram de maneira sensível, suas falas, anseios e sonhos, comunicando profundos significados autobiográficos aos desenhos conectando-se também, com o conto reflexivo, de Eliana Pougy (2005), sobre o “ponto” e a “linha”, tendo a oportunidade de ressignificar as experiências com o desenho na produção de algo distante do costume e ainda puderam conferir e a exposição, apreciando o vídeo de momentos registrados, durante a visita. Para ilustrar os trabalhos, divulgamos a culminância que proporcionou uma exposição na Biblioteca Monteiro Lobato, da Escola Irmã Simas, para visita da comunidade escolar, conforme imagem a seguir.

Figura 09 - Exposição da expressão artística na Biblioteca



Fonte: arquivo pessoal - 2023.

Como fruto da criatividade, colocamos em evidência as habilidades artísticas, desenvolvidas nos desenhos que individualmente, demonstraram os ganhos positivos do desenvolvimento cultural nos processos da imaginação. De modo interativo, a essência da fantasia dialoga de maneira criativa e coerente, seu pertencimento e o desenvolvimento do pensamento cognitivo nas narrativas visuais. Reverência também, ao autoconhecimento e a sensibilidade estética que cada criança revelou, ao desenhar sem amarras de regras e tradições, visualizando o próprio traço, naquilo que observou, sugeriu e associou, numa intensa operação mental e reflexiva, a partir do conto literário que veremos com profundidade na seção três.

3 RESSIGNIFICANDO AS NARRATIVAS DAS CRIANÇAS NA EXPRESSÃO E ESTÉTICA

A AT como metodologia adotada conferiu também a relevância das análises dos dados na contextualização entre duas grandes autoras, como Ana Mae Barbosa e Luciane Goldberg que possibilitaram a operacionalização individual e coletiva das crianças. Por meio expressivo do autobiografismo, entregou a compreensão de um manifesto favorável ao desenvolvimento da autonomia, na apresentação das expressões estéticas, cultivando a percepção do imaginário, os registros significativos das subjetividades das crianças, contextualizadas nas reflexões da vivência com o conto literário, que anexou a linguagem das artes visuais, conforme revelamos o modo fidedigno que cada criança representa. As amostras descrevem características individualizadas, com detalhes aparentes e espontâneos, ressignificando sua capacidade cognitiva e realista, todavia determina seu pertencimento emocional e sensível em direção à arte, convencidas de que suas proposições foram genuinamente criativas.

Dessa forma, apresentamos o desenho de Ruthy, como prefere ser chamada, que traz a memória de um dia na praia, sua fala diz: “Estou pensando no futuro, olhando o sol se pôr na praia, atrás de mim tem umas grades parecidas com uma ponte e eu passei embaixo dela. Eu adorei desenhar e refletir sobre a história do “ponto e da linha,” que realçaram meu sonho. Quando eu visitei a exposição eu pensei: no futuro eu quero ser uma grande desenhista, e fazer muitas exposições” (Ruth). As palavras de Ruth, revelam como foi importante conhecer sobre o ponto, que faz movimentos diversos, gerando símbolos figurativos, a partir da cognição inventiva de modo agradável, associando suas vivências sociais.

Figura 10 - O pôr do sol. Por Antônia Ruthyele



Fonte: arquivo pessoal - 2023

A sensibilidade é retratada na harmonia das cores e formas presentes em seu desenho autobiográfico e reflete sobre a importância desse momento figurativo de seu repertório visual. A grandeza do sol demonstra sua expressividade no sombreamento, feito de forma singular, apreciando suas habilidades e gosto pelo desenho. Por conseguinte, simboliza fielmente a delicadeza de sua inspiração artística, relacionada às experiências de sua vida. As imagens figurativas de Ruthy, também permite-nos compreender a amplitude expressiva em seu processo de organização interna das narrativas de si, constatando o valor da autonomia em sua criação. Goldberg (2021), nos revela que por meio da linguagem gráfica, existe autoconhecimento. Ela considera que:

Se há esse caráter de autoconhecimento, de construção de conhecimento sobre o mundo ao redor, de organização das experiências vividas, de criação de um sentido existencial no ato de desenhar, podemos dizer que a criança elabora narrativas de si, organizando seus símbolos signos no papel (Goldberg, 2021 p.66).

Dessa forma, o uso do desenho no suporte cerâmico na construção do protagonismo, não contrapõe os significados do papel, mas apresenta a articulação do aprendizado, adequando nossos objetivos aos interesses lúdicos, interligando o autoconhecimento das crianças, na organização de suas ideias e curiosidades, ativando a elaboração de narrativas e ampliação dos repertórios visuais, no desempenho participativo dos sonhos apreciados.

Figura 11 - Subindo as montanhas. Por Agatha Siqueira



Fonte: arquivo pessoal - 2023

Gosto de olhar as montanhas quando viajo de carro com meu pai e também amo desenhar outras coisas. No futuro quero ser artista (Agatha Siqueira).

O autobiografismo de Agatha, demonstra a beleza contemplativa das montanhas de forma singularizada, ou melhor, percebe-se que Agatha têm uma predileção por paisagens, dessas em que o enquadramento é bem aberto, algo que nos faz estabelecer conexão com o desenho anterior, que também não deixa de ser uma paisagem.

Agatha toma a natureza como inspiração de suas necessidades e ideais de vida e dialoga com momentos sensíveis, de ordem íntima, como os passeios que costuma fazer com seu pai. O fato de afirmar que no futuro será uma artista, diz muito sobre a valorização que Agatha dá para a arte, o que pode sugerir que ela é um ser sensível, admiradora da criatividade, imaginação e inventividade humana.

Nesse sentido concordo com Derdyk (1994), ao afirmar que a projeção da imagem da criança revela uma transformação física, crítica e emocional, conectando-se à sua maneira com o mundo, “Olho novo percepção aberta.” (Derdyk, p.50). Essa conjunção do cérebro, sobrepõe ao estímulo visual da leitura crítica das imagens, que evidenciaram o momento narrativo do conto e foram ampliadas, na elaboração das releituras e identidades, nos traços expressos que conferiram os elementos da fantasia infantil.

Figura 12 - casa no escuro. Por Camila Mendes



Fonte: arquivo pessoal - 2023

Era noite e eu lembrei dos finais de semana que eu ficava na casa do meu avô. Depois do jantar, a gente ia pra varanda olhar a lua e meu avô contava muitas histórias de arrepiar. Atrás da casa tinha um tanque onde minha avó colocava uma mangueira, fazendo uma cachoeira e a gente passava o dia tomando banho e correndo entre as árvores com as cachorrinhas (Camila Mendes).

O desenho de Camila revela a importância de momentos felizes, cheio de aventuras, na presença da família. Sua sensibilidade aflorou memórias eternizadas, retratando a essência dos registros gráficos de seu autobiografismo. É interessante como a arte nos faz conectar com nós mesmos. Esses desenhos mostram uma outra dimensão das personalidades das crianças, que diferem completamente da postura em que elas se encontram, sentadas, em fileiras verticais na sala de aula, muitas vezes assumindo poses ou pessoas que não são. A arte viabiliza esse contato consigo e, muitos desenhos são reveladores de situações, que são utilizadas como ponte de suas singularidades para posicionar-se, falar de si mesma, com naturalidade e estilo próprio.

Compartilho a fala de Goldberg (2021), “Sua potência, sua força, sua pulsão, são suficientes para nos fazer calar e receber”. (p.15). Quantas vezes nos surpreendemos com as expressões narrativas que habitam a mente criativa das crianças? O cotidiano nos deixa engessados, mas a sensibilidade das crianças transforma nosso ser!

Figura_ 13. Brincando de pipa. Por Luiz Felipe



Fonte: arquivo pessoal – 2023

Eu gostei de desenhar na cerâmica porque eu me senti um artista, eu quero mostrar pra todo mundo que agora eu sei desenhar. O meu desenho lembra o dia que eu e meus amigos estamos brincando de soltar pipa, na rua da minha casa. Quando a gente brinca, a minha mãe fica sempre olhando a gente, esperando com o lanche que ela faz pra todos os meus amigos (Luiz Felipe).

Através da criação dos desenhos de Felipe, percebemos que não podemos analisar, apenas baseado nas vivências com a família, visto que apesar da representação de momentos

da realidade, trata-se antes de tudo, da materialização de sonhos, de se projetar em meio às relações afetivas de suas subjetividades. A sua forma de desenhar, sugere tipos diferentes de linhas e símbolos, dos quais a representação gráfica define sua autonomia e domínio de suas expressões no ato de desenhar, colocando em sua criação, sua existência e com muita sensibilidade. Edith Derdyk (1994, p. 52), revela que:

O desenho constitui para a criança uma atividade total, englobando o conjunto de suas potencialidades e necessidades. Ao desenhar, a criança expressa a maneira pela qual se sente existir. O desenvolvimento do potencial criativo na criança, seja qual for o tipo de atividade em que ela se expresse, é essencial ao seu ciclo inato de crescimento. Similarmente, as condições para o seu pleno crescimento (emocional, psíquico, físico, cognitivo) não podem ser estáticas.

Assim, ao analisar o desenho da criança, como uma produção artística, é preciso reconhecer a capacidade expressiva nas atividades do cotidiano, evidenciando os momentos de intervenção das condições necessárias, que auxiliam o processo de criação, do potencial evolutivo individualmente.

Figura 14. Catnep (gato da noite). Por Miguel Brian



Fonte: arquivo pessoal - 2023.

Catnep é o nome carinhoso do amigo secreto de Brian. “Ele tem o poder de colocar as crianças para dormir e eu gosto muito dele. Eu inventei esse gato, eu me inspirei no gato do youtube, mas eu pensei em fazer um gato do bem, que ajuda as crianças e todos são amigos dele”.

Sua sensibilidade, ensaia mecanismos de produção na figura de um gato, representado em cores pastéis, simbolizando metaforicamente, a noite escura com as estrelas. É interesse

ver o protagonismo e autonomia de Miguel, ao criar um “gato do bem” e nomeá-lo. Confirmando os estudos de Goldberg revela, em suas palavras “é nesse processo e por ele que o ser humano se constitui sujeito: desenhador, narrador, escritor, pintor, cientista...” O desenho autobiográfico, relaciona uma aprendizagem que ressignifica os sentidos e as emoções vivenciadas de uma criança com grande sensibilidade aflorada, permitindo-nos adentrar em seu espaço socioafetivo. O fato do desenho do Miguel ter um nome de um personagem de desenho infantil, demonstra sua paixão por animais agregando um “gato” como amigo secreto, que o coloca para dormir todas as noites. Isso também nos mostra, a conexão das subjetividades de Brian e sua criação inventiva, demonstrando o mundo em seu entorno, confirmando as palavras de Luciane Goldberg (2021, p.75):

O espaço para as crianças nessa fase é emocional, e as representações das formas obedecem a hierarquias afetivas, daí a representação do tamanho dos elementos do desenho variar conforme a ênfase afetiva dessas figuras para a criança no momento do desenho.

Considerando o manifesto expressivo de criação da criança como um ser social que abre espaços para novas narrativas, contribuindo nas habilidades expressivas de sua sensibilidade.

Figura 15 - Refúgio de estrelas arco-íris. Por Jhonas Mayck



Fonte: arquivo pessoal - 2023.

Desenhar na cerâmica é muito diferente do que eu faço no papel. A lua está nas nuvens, e pensei numa estrela cadente voando e achei maravilhoso, sentir o vento nas alturas, perto da lua no meio das nuvens. Eu imaginei como seria bom decolar na nave espacial, de um alienígena viajando como uma estrela até a terra”. No final Jhonas me perguntou: “Prof. o que você vai fazer com o meu desenho? (Jhonas Mayck).

Jhonas, no processo de expressão das suas emoções e de sua sensibilidade, antes de iniciar o desenho, demonstra preocupação com sua representação gráfica. Provavelmente pelo gosto e domínio característico de sua marca nos símbolos visuais, mesmo assim supera sua autoconfiança de forma positiva, vivencia momentos de seu autobiografismo com boa abstração em seu processo imaginativo. Sua representação gráfica reflete marcas da identidade, simbolizadas na harmonia das cores e objetos, que foram representadas na percepção de si na história fantástica. Sua criatividade demonstra seu talento para as artes visuais e no futuro, pode ser mais bem apreciado em busca de novas oportunidades como incentivo do seu protagonismo. Compartilho a relação do desenho de Mayck com a afirmação de Derdyk (1994), ao afirmar: “De fato, é uma cadeia de reações que acompanham o ato criador; existe um corte que representa a impossibilidade para o artista de expressar completamente a intenção, esta diferença entre o que havia projetado realizar e o que realizou é coeficiente artístico pessoal contido na obra” (Derdyk, 1994, p.187).

Dessa forma, concordamos mais uma vez com Derdyk, sabendo que o ato de criar é único, existencial, torna presente e notável a expressão pessoal, sem limitar a capacidade criativa de seu percurso infantil.

Figura 16 - O pequeno castelo. Por Levi Cardoso



Fonte: arquivo pessoal 2023.

Nesse castelo pequeno tem uma ponte que se fecha, quando alguém entra no castelo. Eu gosto de castelo porque os castelos são lugares grandes para morar e tem muitos guardas, para guardar o castelo e proteger do inimigo. Se eu morasse num castelo eu ia me sentir muito seguro. Porque onde eu moro não é seguro, tem cachorros violentos e latem muito e eu tenho medo de um me morder, também tem muitas motos que passam correndo e às vezes eu nem vejo elas vindo, tenho medo de ser atropelado. Eu coloquei o sol pra deixar um pouquinho mais realista (Levi Cardoso).

O autobiografismo de Levi sensibiliza bastante por ter uma visão mais adulta, mesmo assim, revela sonhos e signos que o identificam com uma criança talentosa e que se motivada poderá testar suas habilidades para as artes visuais, com autonomia e criatividade. Há também em seu depoimento, mesmo estando diante de uma produção ficcional, elementos contundentes sobre a existência de lugares em Fortaleza, que são mais violentos e isso o assusta muito. Percebe-se o seu nível de consciência em relação ao entorno, em que seu desenho também pode ser encarado como uma possibilidade de fuga, anseio por melhores condições de viver, numa Fortaleza que se apresenta cheia de contrastes e que, muitas vezes, tolhe a experiência imersiva da infância de muitas crianças na capital. Aqui o diálogo sobre a proposta do autobiografismo de Goldberg, (2021) aponta a natureza expressiva da criança, como uma atividade molar do pensamento, de acontecimentos, dos movimentos próprios do desenvolvimento infantil, perceptíveis na formação do desenho. Seguindo, suas palavras, concordo quando diz: “[...] o desenho pode ser considerado uma atividade molar, pois é caracterizado por uma intenção e significados próprios traz em seu conteúdo, fatos, pessoas e conhecimentos, experienciados, sentidos, vividos” (Goldberg, p. 25).

É interessante perceber os sentidos existenciais do pensamento de Brian, por ser uma criança tão fragilizada, ao mesmo tempo parece tão grande, pois em tenra idade já vivencia em sua mente experiências de sentidos sociais, manifestando sua afetividade e a ampliação do seu repertório visual, em seu processo evolutivo.

Vale ressaltar que os elementos circundantes, podem liberar as emoções e auxiliar a compreensão de Brian, conseqüentemente das crianças, estimulando o potencial artístico sem limitar as ações criativas e intelectuais dos nossos educandos.

O entrelaçamento entre a literatura e o desenho no suporte cerâmico, integrou a experiência, entre outras contribuições como componente relevante no desenvolvimento cognitivo infantil, associou o ensino aprendizagem da arte, na importância da criticidade, como mola propulsora de possibilidade de estudo investigativo, além de oferecer oportunidades para as próprias crianças serem protagonistas dos seus processos de criação, intimando a importância da arte, por meio do desenho infantil, inserido no ambiente escolar.

3.1 Resumo do Produto Educativo: Videoaula: O desenho de releituras de histórias infantis em suporte cerâmico como contributo na aprendizagem e protagonismo das crianças das séries iniciais do Ensino Fundamental – Um desdobramento videográfico

Nesse vídeo aula, abordamos um método criativo de produção de narrativas infantis, explorando o desenho como uma ferramenta potencializadora da atenção, cognição e percepção visual do autoconhecimento das crianças do 3º ano das séries iniciais do Ensino fundamental de uma Escola Municipal em Fortaleza Ce.

A introdução da arte tem grande relevância, para que as crianças possam expressar suas experiências pessoais e socioculturais, por meio do autobiografismo. Segundo a Arte Educadora, Doutora em Educação (UFC) e professora Luciane Goldberg (2021, p.72), “os elementos e traços são importantes na formação do autoconhecimento, na representação do desenho gráfico infantil, o qual traz como aspectos teóricos fundantes.” A respeito da importância da narrativa gráfica do desenho infantil para a expressão, elaboração e organização das experiências vividas pelas crianças, é importante compartilhar que nas atividades com o desenho, podemos trabalhar uma narrativa pautada na literatura, percebendo que através do lúdico as crianças se interessam mais, por se tratar de relacionamentos das subjetividades pessoais, que representam momentos significativos, dialogando com a escuta reflexiva do conto escolhido.

Despertar a Arte por meio do autobiografismo, incentiva as crianças a contar suas histórias vividas de maneira crítica, consciente e espontânea, mostrando sua autonomia e protagonismo derivados de suas vivências anteriores. Neste contexto, a inteligência inventiva das crianças, junta-se a curiosidade da produção criativa, baseado na Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, como reflexão do ensino e aprendizagem dos processos de contextualização do conto, fruição e produção das atividades educativas, em um suporte diferente do papel. É preciso falar de um suporte conhecido há décadas e que preserva a ação motriz e estética do grafismo infantil, resgatando a intenção da criatividade artística, como forma de chamar a atenção da criança para o novo, para descobrir inúmeras possibilidades no trato com a argila e a cerâmica. Essas experiências referem-se à compreensão do imaginário, na percepção da criança, na busca dos efeitos de ser ator de experimentos, diversificados, contemplando suas narrativas e ideias que favorecem a comunicação e a valorização da importância de transformação, revelando seu lugar no mundo, como contribuição de exemplos concretos que agregam o ambiente educativo.

Com efeito, a operacionalização deve ser feita com base em estudos investigativos, levando em consideração o domínio da Arte Educação, diante da trajetória pessoal e artística do professor educador para que as crianças consigam, saber para quê e porque estão fazendo essa ou aquela atividade. Dessa forma, a compreensão dessa investigação favoreceu como base descortinando as narrativas expressivas infantis, confirmando as palavras de Goldberg (2021, p.15):

É esse seu esforço e o de professores que certamente percebem a importância para a criança de se apropriar de diferentes modos de narrar, numerar, entender o mundo e o outro, para se constituir em sua inteireza, [...] Não se trata de cristalizar dicotomias, por um lado, a premência de aprendizagens dos conteúdos escolares, considerados mais úteis para a vida e, de outro lado, processos de invenção de si como algo inútil, dispensável, desviante. Mas de dar outro sentido às aprendizagens escolares como formas de subjetivação e de socialização que perpassam a capacidade de criatividade da criança e de invenção de si.

Assim muitas ideias podem surgir diante dessas considerações, mas nosso experimento, foi alinhado no eixo das artes visuais, como forma de produzir interpretações gráficas que revelam importantes significados culturais e porque não dizer artísticos, criados a partir da evolução do desenho espontâneo, mas alicerçado na reflexão da literatura infantil acerca da cultura visual, para além da desconstrução do desenho técnico, a partir do lúdico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta oportunidade de estudo e pesquisa crianças, nasceu de um sentimento interno, do desejo de experimentar novas vivências como iniciativa totalmente independente, dos conteúdos e projetos trabalhados na escola. Com a convicção de combinar meios de representação de simbologias de formas e imagens, que produzem narrativas e significados, de uma relação vital e potencializada da capacidade de reflexão, autonomia e protagonismo da criança. Compartilho na educação de um ambiente, que pode ser gerador de muitas possibilidades valorizando o ensino e aprendizagem da Arte, da importância do desenho infantil, como meio de expressão do educando. Goldberg (2021, p.74) afirma que: “a partir das representações figurativas, a narrativa gráfica torna-se passível de leitura e de interpretação”, nesse processo podemos visualizar as representações figurativas infantis, observando as narrativas em diferentes contextos, motivando-as a construir e transformar sua história.

Sugerimos o primeiro contato com as Arte Visuais por meio do desenho no suporte cerâmico, contando um pouco sobre minhas vivências pessoais, na apresentação de um objeto inovador, que se tornou a partir do desenho, gracioso e autêntico, propiciou muita alegria na essência de liberdade. O encanto também despertou a evolução do traço, das características inspiradas nas subjetividades, no universo próprio de cada criança, que tive o prazer de acompanhar.

Assim, mergulhei numa viagem em busca de novos desafios da prática pedagógica, rumo aos diferenciais artísticos e visuais, no encontro apaixonante dos diversos meios favoráveis de se educar, para um mundo melhor. Nesse processo passei a refletir ainda mais sobre a produção criativa que desenvolvi, como forma de evolução e entendimento que além de professora também, hoje me reconheço como artista.

Contudo fica evidente que erguer novos papéis e atenções didáticas, demonstra a evolução artística que brilhou também em mim, harmonizou espaços para novos sonhos e projetos, que favoreceram na determinação da paixão pela prática, guiada por conceitos teóricos incentivadores na desobstrução do pensamento infantil. Tornou-se grande como um passeio cultural, com base em novas evidências artísticas, novas teorias e abordagens técnicas, corroborando com Barbosa (2010) e Goldberg (2021) que enriqueceram no fortalecimento da epistemologia científica.

Portanto afirmo que, foi possível atender a materialidade das expectativas de aprendizagem artística dos educandos, antes de tudo mobilizando-os, apresentando-lhes a arte

na seleção de definições, exemplos, formas e projetos, que foram geradores de opiniões e fatores, elencando os valores como experiência, que permitiu exprimir o pensamento individual, na conversão dos interesses dos discentes.

Atribuímos ainda a predominância dos argumentos artísticos, que favoreceram o domínio de saberes por eles experienciados, convenceu-lhes daquilo que são capazes de realizar por meio do desenho, de construir tudo o que criaram potentemente no tempo e modo de cada um, preenchendo-os de pertencimentos artísticos, integrantes de novas perspectivas de autoconhecimento e meio de expressão de outras habilidades.

Como vimos procuramos articular um tipo de atividade facilitadora do pensamento inventivo, criativo, que fosse capaz de despertar a autonomia individual das crianças, do 3º ano das séries iniciais de forma inovadora e dinâmica. Foi uma experiência única, vivenciando momentos de significados importantes, os quais carregarei por longos anos na memória, de uma construção de vínculos afetivos que foram inspiradores de novas ideias. Traçamos um mapa a ser explorado na educação, como troca de experiências e ampliação daquilo que ensinamos e aprendemos, como meio divulgador da valorização do ensino da Arte, na criação de novos projetos, na construção do fazer artístico infantil, que contribui na evolução do objetivo educacional significativo, na idade escolar.

Retomo também o encontro de uma conquista afetiva, fundamental para meu crescimento pessoal e profissional que de forma exemplar, evoluiu significativamente e foi materializada nesta pesquisa, entregando um produto educacional organizado em uma “vídeoaula,” o qual em poucos minutos, compartilho o método criado corroborando com a AT de Barbosa (2010), como garantia e via de acesso para educadores e profissionais de outras áreas. Confere a ocupação dos espaços de produção artística na apresentação do lúdico, disseminando produções arte educativas importantes no meio social e na esfera acadêmica, que abrange o processo de formação do ser. Reverberou na percepção do universo criativo infantil, como um caminho de significados, mudanças e novos conhecimentos, aproximando muito mais da arte de maneira convicta, cotidiana e mobilizadora da sensibilidade estética por meio das narrativas gráficas, a partir de uma experiência promocional da cultura, catalisadora da criatividade infantil, na construção e desconstrução pedagógica do professor pedagogo, otimizando a apropriação de um novo lugar, diferente daquilo que diz e que se fala, sobre “ser” professor.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae. **Arte / Educação contemporânea: consonâncias internacionais**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- BARBOSA, Ana Mae. **A Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.
- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da Arte**. 8.ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- BARROSO NETO, Eduardo. **O que é artesanato?** Cartilha sobre artesanato competitivo. Brasília: SEBRAE, 2016.
- BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/civil-03QleisQL9394.htm>>. Acesso em: 23 mar, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica; Secretaria de Educação Continuada, **Alfabetização, Diversidade e Inclusão**; Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica. Brasília: MEC; SEB; DICEI, 2013.
- EFLAND, Arthur. **Imaginação na cognição: o propósito da Arte**. In: BARBOSA, “org” **Arte / educação contemporânea: consonâncias internacionais**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010, pg.318.
- DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**. Desenvolvimento do grafismo infantil. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1994.
- DUARTE Júnior, at all. **Fundamentos estéticos da educação**. Autores Associados. São Paulo: Cortez, 1981.
- FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. FUSARI, Maria F. de Rezende. **A arte no processo de ensino e aprendizagem: olhares e representações a partir de uma pesquisa bibliográfica**.
- FERREIRA, Mário S. Piaget: **a formação do símbolo**. 1. ed., Cortez, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura).
- GOLDBERG, Luciane Germano. **Autobiografismo, Desenho infantil e biografização**. Curitiba: CRV, 2021.
- GOLDBERG, Luciane Germano. **Desenho infantil e biografização com crianças em situação de acolhimento institucional**. [Tese de Doutorado]. Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós -graduação, Fortaleza, 2016.

GOLDBERG, Luciane Germano. **Pesquisa autobiográfica em Educação: afetos e (trans)formações** / Organização de Ercília Maria Braga de Olinda e . Fortaleza: EdUECE, 2017.

LIMA, Martha Lohane Silva. O artesanato como forma de manifestação cultural e sua contribuição socioeconômica: um estudo sobre o mercado de artesanato de Penedo. **Revista Espacios**. ISSN 0798 1015 Vol. 37 (Nº36) Ano 2016.

NASCIMENTO, Celina Henriqueta Matos de Heredia *et al.* (org.) Coordenação Mirna França da Silva Araújo, Marlúcia Delfino Amaral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, **Linguagens**: volume 3, 2024. Documento Curricular Referencial de Fortaleza: incluir, educar e transformar (DCRFor).

MEDEIROS, Wendel Alves de. **A educação estética videográfica com licenciamento em artes visuais do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará** [recurso eletrônico] 2020. 323f. [Trabalho de Conclusão de Curso de Doutorado]. Universidade Estadual do Ceará, Centro de Educação, Programa de Pós- Graduação em Educação, Fortaleza, 2020.

OLINDA, Ercília e GOLDBERG, Luciane. **Pesquisa (Auto) Biográfica em Educação**. Fortaleza: EdUECE, 2017.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **Reflexividade narrativa e poder auto(trans)formador** Revista PRÁXIS EDUCACIONAL v. 17, n. 44, p. 93-113, jan./mar. | 2021.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. Abordagem Triangular e as narrativas de si: autobiografia e aprendizagem em Arte. **Revista GEARTE**, Porto Alegre v.4 n.2, p.307-316, maio/ago. 2017.

SILVA, Everson e ARAÚJO, Clarissa. *In*: BARBOSA e CUNHA (org.). **A Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010, 161.

SOUZA, Kécia Alencar de Souza e LIMA, José Maximiano Arruda Ximenes de. A abordagem da cognição imaginativa e a teoria do desenvolvimento da capacidade criadora infantil: relações teóricas entre Efland e Lowenfeld acerca do processo de construção do desenho infantil. **Revista Digital do LAV**, vol. 14, n. 2, p. 42 –67 – Santa Maria./mai./ago., 2021.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e Formação Profissional**. Petrópolis: Vozes, 2014.

TORRES, Klaudiana Viana. **Uma casa, Uma sala, Um ponto, Uma linha e Um Conto: Narrativas (auto) Biográficas Desenhadas entre uma Professora Artista e crianças de 6º Anos de uma Escola Pública em Caucaia-CE**. [Trabalho de conclusão Curso de Mestrado]. Programa de Pós-Graduação em Artes (PROFARTES). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2023.

VYGOTSKY, L.S. **Imaginação e criação na infância**. Tradução: Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

VYGOTSKY. L. S. **Imaginação e Criatividade na infância**. Ensaio de Psicologia. Tradução: João Pedro Fróis. 1. ed. Dinalivro: Portugal, 2012.